



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA

LARISSA HERCULANO

**PERSPECTIVAS DE LEITORES SOBRE A LEITURA COM O
ADVENTO DA INTERNET**

Brasília
2015

LARISSA HERCULANO

**PERSPACTIVAS DE LEITORES SOBRE A LEITURA COM O
ADVENTO DA INTERNET**

Monografia apresentada como pré-requisito para
obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia
pela Faculdade de Ciência da Informação da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque.

Brasília

2015



Universidade de Brasília


Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Curso de Graduação em Biblioteconomia

Título: Perspectivas de leitores sobre a leitura após o uso da internet.


Aluna: Larissa Herculano.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 04 de dezembro de 2015.


Kelley Cristine Gonçalves Dias Gasque - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação


Fernando Cesar Lima Leite – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutor em Ciência da Informação


Eleonora Stanziona Viggiano – Membro externo
Mestre em Comunicação
Professora do Instituto Legislativo Brasileiro

*Aliás, sabemos que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus,
daqueles que são os eleitos, segundo seus desígnios (Rm 8, 28).*

RESUMO

O presente trabalho analisou a percepção que leitores, como usuários da internet, têm dos impactos desta nas práticas de leitura. Para tanto, os objetivos foram identificar o perfil demográfico e experiências de leitura dos indivíduos; as práticas de leitura *online*, bem como a percepção dos leitores sobre as práticas de leitura após uso da internet. O universo da pesquisa é de usuários da rede social *Skoob*, desenvolvida especificamente para apreciadores da leitura, escolhido por reunir indivíduos que praticam a leitura e estão inseridos no ambiente *online*. A abordagem é quantitativa, com utilização de questionário para coleta de dados. Os dados mostram que a maioria dos leitores prefere formato impresso, apesar de possuir boas condições de acesso à internet; apresenta características multitarefas; busca informações usualmente na própria rede; e percebe a mudança nas práticas de leitura causada pela internet. A “Rapidez”, “Mobilidade” e “Distração/desatenção” são características da leitura na internet percebidas pelos respondentes.

Palavras-chave: Leitura. Internet. Leitura online. Percepção da leitura online. Características da leitura online.

ABSTRACT

This study examined the perception of readers, as internet users, about the impact of this in reading practices. To this end, the objectives were to identify the demographic profile and reading experiences of individuals; online reading practices, as well as the perception of readers on the reading practices after using the Internet. The research universe is of social network Skoob users, developed specifically for lovers of reading, chosen to bring together individuals who practice reading and are included in the online environment. The approach is quantitative, using a questionnaire to collect data. The data show that most readers prefer printed format, despite having good access to the internet; have multitasking features; search information usually in the network itself; and realize the change in reading practices caused by the internet. The "Speed", "Mobility" and "distraction/inattention" are characteristics of the internet reading noticed by the respondents.

Keywords: Reading. Internet. Online reading. Perception of online reading. Features of online reading.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária.....	37
Gráfico 2: Local de acesso à internet	38
Gráfico 3: Dispositivo mais utilizado	39
Gráfico 4: Frequência de uso diário da internet	40
Gráfico 5: Frequência anual de leitura impressa	41
Gráfico 6: Frequência anual de leitura digital	41
Gráfico 7: Preferência de leitura.....	42
Gráfico 8: Atividades <i>online</i> não relacionadas ao trabalho.....	44
Gráfico 9: Concentração em multitarefas.....	45
Gráfico 10: Interrupção mais comum	46
Gráfico 11: Reação à interrupção	47
Gráfico 12: Busca de informações para curiosidade.....	48
Gráfico 13: Busca de informações para assunto importante	48
Gráfico 14: Navegação em <i>hiperlinks</i>	49
Gráfico 15: Características percebidas na leitura <i>online</i>	50
Gráfico 16: Consideração sobre a aprendizagem	51
Gráfico 17: Consideração sobre a mudança na forma de ler	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Problema	11
1.2	Objetivos	11
1.2.1	<i>Objetivo geral</i>	11
1.2.2	<i>Objetivos específicos</i>	12
1.3	Justificativa	12
1.4	Estrutura da monografia	12
2	LEITURA	14
3	INTERNET	21
4	LEITURA NA INTERNET	26
5	METODOLOGIA	35
5.1	Rede social <i>Skoob</i>	36
6	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	37
6.1	Perfil demográfico e experiências de leitura	37
6.1.1	<i>Faixa etária</i>	37
6.1.2	<i>Local de acesso à internet</i>	37
6.1.3	<i>Dispositivo mais utilizado para acessar a internet</i>	38
6.1.4	<i>Frequência de uso diário da internet</i>	39
6.1.5	<i>Frequência anual de leitura</i>	40
6.2	Práticas de leitura online	42
6.2.1	<i>Atividades online não relacionadas ao trabalho</i>	42
6.2.2	<i>Concentração em multitarefas</i>	44
6.2.3	<i>Interrupção mais comum</i>	45
6.2.4	<i>Reação à interrupção</i>	46
6.2.5	<i>Busca de informações</i>	47
6.2.6	<i>Navegação em hiperlinks</i>	48
6.3	Percepção dos leitores sobre suas práticas de leitura após a internet	49
6.3.1	<i>Características percebidas na leitura online</i>	49
6.3.2	<i>Consideração sobre a aprendizagem</i>	50
6.3.3	<i>Consideração sobre a mudança na forma de ler</i>	51
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICE A	59

1 INTRODUÇÃO

A importância da leitura para a humanidade como forma de aquisição de saber é clara e permanece constantemente em conformidade com a evolução da própria espécie humana. Ao praticar o ato da leitura, o indivíduo amplia os horizontes e torna-se, conseqüentemente, mais flexível quanto à compreensão das artes e das ciências. Transforma-se, assim, em cidadão do mundo com a capacidade para exercer autonomia cultural e intelectual. A leitura, portanto, é considerada janela do tempo e do espaço, e realiza o papel de ampliar horizontes e possibilitar o fortalecimento de ideias e ações (BLATTMANN; VIAPIANA, 2005).

Desde que a escrita passou a existir, formas e técnicas mais avançadas de leitura vêm também surgindo, pois ambas estão interligadas e são transformadas juntamente com a sociedade, fazendo-se necessário o aperfeiçoamento ao longo dos anos. Souza (2008) considera a prática da leitura essencial para a formação e evolução da sociedade. A autora afirma que o ato de observar, analisar, procurar entender o mundo e interagir, através da leitura, consiste em caminho para a promoção e desenvolvimento de competências, assim, enquanto os conhecimentos são absorvidos, é ampliada, gradativamente, a produção cultural da humanidade.

A cultura está intimamente ligada à prática da leitura, e apesar das transformações sofridas pela prática a partir do surgimento, não há nenhum indício da diminuição de sua importância. Pelo contrário, com o passar dos tempos, continua a implicar alta relevância, independente da maneira como é apresentada, pois, de modo paralelo ao desenvolvimento da sociedade e dos assuntos momentâneos, o ser humano permanentemente encontra-se frente à necessidade de obter conhecimento, e a leitura resume-se na forma direta de aprendizado, enquanto há necessidade de conhecimento por parte dos integrantes da sociedade (FISCHER, 2005). Segundo Fischer (2005), o aprendizado da leitura pelos seres humanos é impulsionado pela própria necessidade de conhecimento. Diante da evolução da humanidade, o autor ressalta a relevância da leitura em gerações distintas: “Para um oficial egípcio antigo, [a leitura] era um ‘barco sobre a água’. Para um aprendiz nigeriano, quatro mil anos mais tarde, ‘um raio de luz incidindo em um poço escuro e profundo’. Para a maioria de nós, será sempre a voz da própria civilização” (FISCHER, 2005, p. 7).

A partir do século XX, a emergência das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) imprimiu influência na sociedade de diversas maneiras, transformando-a em sociedade da informação e, mais adiante, na sociedade da aprendizagem (GASQUE, 2005). Essas transformações da sociedade ocorrem inclusive na forma com que a leitura é

praticada, e causaram revolução no modo de transmissão de conhecimento e aprendizado, porém:

A leitura envolve muito mais que trabalho e navegação na rede. A leitura é para a mente o que a música é para o espírito. A leitura desafia, capacita, encanta e enriquece. Pequenas marcas pretas sobre a folha branca ou caracteres na tela do computador pessoal são capazes de nos levar ao pranto, abrir nossa mente a novas ideias e entendimentos, inspirar, organizar nossa existência e nos conectar ao universo (FISCHER, 2005, p. 7).

A globalização e a inserção da internet no contexto da sociedade da informação proporcionaram um fluxo crescente de informações, de maneira extremamente rápida e simultânea. A informação tornou-se essencial para as atividades humanas, em geral (SANTOS; NUNES, 2014).

Souza (2008, p. 6) ressalta a mudança de comportamento ocorrida com o surgimento das novas TICs alertando que os “indivíduos necessitam de conhecimento e reflexão sobre os processos de aquisição, sobre como filtrar melhor a informação que desejam principalmente neste novo contexto informacional onde a quantidade de informações tem aumentado a cada dia”. Além disso, Carr (2011) demonstra as capacidades do cérebro de se adaptar ao meio, adequando-se a esse novo modelo de comportamento que, inevitavelmente, lida com a rapidez e a grande quantidade de informação.

1.1 Problema

Frente às profundas transformações causadas pela presença das TICs na sociedade, o presente trabalho traz como questão a percepção que leitores têm da própria atividade de leitura após o uso intenso da internet. Busca identificar a opinião das pessoas sobre as novas práticas de leitura propostas pela internet, com as mudanças em relação ao formato impresso.

1.2 Objetivos

Este estudo propõe atender ao objetivo geral e aos objetivos específicos a seguir.

1.2.1 *Objetivo geral*

O objetivo geral é analisar a percepção que leitores têm das influências da internet na própria atividade de leitura.

1.2.2 Objetivos específicos

- 1) Identificar o perfil demográfico e experiências de leitura;
- 2) Identificar as práticas de leitura *online*;
- 3) Identificar a percepção dos leitores sobre as práticas de leitura após o uso da internet.

1.3 Justificativa

A leitura, como forma direta de aprendizado, possui extrema relevância para a sociedade, e está intimamente relacionada a ela. Autores como Araújo *et al.* (2008), Oriente, Sousa e Simões (2014), Santos e Nunes (2014), ressaltam a importância da leitura para facilitar e estimular a interação com o mundo e assim, gerar novos conhecimentos. Através da harmonia com a evolução da sociedade, a leitura sofre também transformações constantes. Fischer (2005) afirma que a leitura tende a permanecer em desenvolvimento no futuro, pois reflete indicador do avanço da humanidade. Uma das principais transformações experimentadas pela sociedade é a emergência das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Entre elas, Dumas (2014) destaca a internet, que se desencadeou e permanece em constante desenvolvimento. Em meio a alguns estudos a esse respeito, autores refletem sobre os impactos da internet na vida dos leitores. Carr (2011) menciona que a leitura mostra-se prejudicada no âmbito da concentração, interpretação, capacidade crítica, entre outros, por conta da intervenção do uso contínuo da rede no cotidiano dos leitores.

Considerando a afirmação de Carr (2011), surgiu o interesse, neste trabalho, em analisar a interação entre humanos e a conexão em rede no que concerne à leitura. Busca-se, portanto, analisar a percepção, na prática, que leitores, como usuários da internet, têm dos impactos desta nas práticas de leitura, visto que poucas pesquisas tratam do assunto. Entre as contribuições para a Biblioteconomia e Ciência da Informação encontra-se a possibilidade de, com os resultados, compreender as influências da internet na leitura e aprendizagem, podendo, a partir disso, realizar novos estudos para aprimorar as mesmas.

1.4 Estrutura da monografia

Os tópicos abordados na revisão de literatura são os seguintes: Leitura, Internet, Leitura na internet. O trabalho está organizado de modo em que primeiramente discorre-se a

respeito da leitura, a importância, conceito e evolução; a seguir trata-se da internet, conceito, origem e características; e então, por fim, aborda-se a questão da leitura na internet. Após a metodologia, a apresentação dos resultados da pesquisa com leitores usuários da internet divide-se em: Perfil demográfico e experiências de leitura, Práticas de leitura *online*, Percepção dos leitores sobre as suas práticas de leitura após o uso da internet.

2 LEITURA

A prática da leitura, segundo Freire (1989), inicia-se muito antes da alfabetização, é o que ele intitula leitura da “palavramundo”, ou a leitura intuitiva do mundo particular do indivíduo, como criança. Enquanto relata sobre a importância do ato de ler, além de destacar a relevância dos pais no processo, o autor explicita a maneira com que a leitura cruzou seu caminho, começando na primeira infância, antes mesmo da iniciação na educação escolar. A própria percepção pessoal, no período infantil, fez-se leitura para ele, denominada leitura pessoal do próprio mundo, que não se distingue nem se distancia da leitura da palavra, mas a complementa. Afirma o autor que foi alfabetizado no chão do quintal da própria casa, à sombra das mangueiras, com palavras do próprio mundo e não do mundo maior de seus pais. O chão ocupou o papel do quadro negro e gravetos fizeram papel de giz. Assim, ao chegar à escola, já alfabetizado, a professora continuou e aprofundou o trabalho dos pais. Porém, a leitura ensinada por ela, leitura da palavra, frase, sentença, não significou ruptura com a leitura do mundo, a leitura da palavra tornou-se a leitura da “palavramundo”.

Para ele, a primeira leitura desempenhada pelo ser humano, que supera a leitura tradicional de signos linguísticos, é a leitura do mundo, ou de tudo o que se encontra a sua volta, feita anteriormente à leitura de palavras e textos. Ele sugere, assim como outros autores, que há íntima correlação na leitura crítica entre aquilo que é compreendido pelo texto lido e o que foi compreendido através da leitura do mundo, bem como a complementariedade entre elas, afirmando também que a:

[...] compreensão crítica do ato de ler [...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 9).

A definição para a palavra leitura não é simples de ser construída, pois esta pode ser considerada em abordagens distintas, desde simples decodificação de uma combinação de códigos e signos, formação de ideias até o ato de interpretação e compreensão, não só do que envolve signos de alguma maneira grafados, mas de tudo aquilo que se encontra a volta do indivíduo leitor.

Entre as definições para a palavra leitura encontradas, Cunha e Cavalcanti (2008, p. 222) apresentam “[...] ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral [...]”.

Assim, de acordo com os autores, leitura é como uma correspondência entre signos gráficos, os termos formados por esses signos e os significados dos termos, que são inerentes à comunicação oral, através da linguagem.

Outra definição, retirada do dicionário *online Significados* anuncia a palavra leitura como “forma como se interpreta um conjunto de informações (presentes em um livro, uma notícia de jornal, etc.) ou um determinado acontecimento. É uma interpretação pessoal” (SIGNIFICADOS, c2011-2015). De acordo com essa definição, além de decodificação dos signos gráficos, estes são transformados em informações e inclui-se no ato da leitura, também o ato da interpretação. A interpretação é manifestada de modo particular a cada indivíduo, de acordo com as próprias experiências vividas e aprendizados adquiridos, portanto é referida como de aspecto pessoal.

Para as autoras Oriente, Sousa e Simões (2014, p. 3), o ato de ler traduz a atividade de “formar ideias a partir do recolhimento das partes, tanto do que se apresenta no texto, quanto, do que se tem de repertório, ou seja, é o encontro com a compreensão das coisas”. Desta forma, o leitor, ao realizar o ato da leitura, é impelido a efetuar a junção daquilo que é representado no texto lido com o conhecimento pessoal a fim de compreender, conceber e formar novas ideias. A interpretação está envolvida neste processo, na medida em que o indivíduo leitor é conduzido a estabelecer a ligação entre o novo aprendizado, ou desconhecido e o que é por ele conhecido intrinsecamente.

Araújo *et al.* (2008, p. 10) também consideram esta ligação interna do indivíduo com o exterior, pois definem a leitura como “um processo dinâmico e dialógico [que] reconfigura-se constantemente e alicerça-se em uma interação homem-mundo-homem”. Para eles, a leitura define-se justamente como troca de elementos entre o indivíduo e aquilo que se encontra no exterior, por essa razão, mostra-se um mecanismo ativo, continuamente reformulado no qual se estabelece uma espécie de diálogo e baseia-se na interação entre as duas partes envolvidas. Assim, os mesmos defendem que a leitura ultrapassa a interpretação da palavra escrita e segue em direção à interpretação pessoal relacionada a outros fatores e situações não textuais, portanto, sugerem que tal ato: “não se restringe ao escrito, seja qual for a modalidade, ler é compreender as diversas formas de expressão através das múltiplas linguagens. Dessa forma, ler um texto escrito, um filme, uma música, pessoas e ambientes é desenvolver a habilidade de leitura” (ARAÚJO *et al.*, 2008, p. 23). A expressão para a decodificação de signos da linguagem, de acordo com eles, não está necessariamente encadeada à manifestação de maneira escrita, mas pode ser manifestada em várias outras espécies de linguagem, entre elas as citadas: filme, música, pessoas e ambientes.

Em concordância com eles, Santos e Nunes (2014) também refletem sobre a questão interativa e dialógica da leitura. Abordam o ato de ler como “um processo permanente de comunicação interpessoal, que permite a qualquer indivíduo que se aproprie dela [da leitura] obter informação, compreendendo-a e transformando-a em conhecimento, permitindo-lhe atuar no meio social, estabelecendo uma relação com o mundo” (SANTOS; NUNES, 2014, p. 69). A comunicação com o mundo, assim como para Araújo et al. (2008), citados anteriormente, é estimulada por meio da interação com a prática da leitura, justamente por esta oferecer a possibilidade de obter a informação e combiná-la com as ideias intrínsecas a fim de compreendê-la e transformá-la em conhecimento. Além disso, as autoras enfatizam o fator interatividade no sentido de que durante o processo de leitura, a qualquer momento, variados conhecimentos próprios do leitor são acionados para a compreensão da mesma, estabelecendo troca de elementos, como em processo dialogal.

Nesse sentido, pode-se considerar que o processo de leitura do texto escrito e o processo de leitura, conhecimento e comunicação com o mundo são complementares, pois assim como Freire (1989) salvaguarda, a leitura daquilo que está a sua volta compõe a leitura primitiva do ser humano, quando ainda com pouca idade, não tendo aprendido a leitura da palavra escrita. No momento em que passa a frequentar a escola e ser alfabetizado, passa a realizar a leitura de signos linguísticos, buscando apoio e subsídios na leitura previamente feita, a leitura do mundo. A ligação com o mundo externo é fundamental para a compreensão e interpretação na leitura de texto escrito. Após o aprendizado da leitura e interpretação da escrita, como afirmam Araújo et al. (2008), Oriente, Sousa e Simões (2014), Santos e Nunes (2014), essa passa a contribuir, facilitar e estimular a interação com o mundo externo mais uma vez, gerando conhecimentos novos a respeito dele, mesmo que este já tenha sido objeto de uma primeira leitura.

Na literatura, a definição do conceito leitura é diversificada. Os conceitos de escrita e de leitura não permaneceram estáticos desde o surgimento, pelo contrário, sofreram transformações ao longo da história, pois de acordo com a evolução da humanidade, as necessidades sociais, científicas, de conhecimento, etc. são naturalmente modificadas e, em consequência, a maneira de praticar a escrita e a leitura também. Logo, conforme ocorreram transformações no modo de vida da sociedade, ocorreram também mutações no modo de aprender e obter conhecimento ao longo dos anos. Quanto a essa evolução, Fischer (2005, p. 11) descreve a leitura em três fases distintas:

No início, ela consistia na mera capacidade de obtenção de informações visuais com base em algum sistema codificado, bem como na compreensão de seu significado

[...]. Mais tarde passou a significar, quase de modo exclusivo, a compreensão de um texto contínuo com sinais escritos sobre uma superfície gravada [...]. Mais recentemente, inclui também a extração de informações codificadas de uma tela eletrônica.

Fischer (2005) realiza análise da evolução do conceito e da prática de leitura em relação ao tempo, principalmente em relação a mais significativa mudança sofrida pela sociedade a esse respeito: a emergência das novas tecnologias. Esse aspecto da evolução da sociedade revela claramente a variação da definição da palavra leitura em seu início e a mais atual, com a inclusão de novas características, como por exemplo, a inovação e a variedade de suportes para a leitura. Na primeira definição, a leitura como obtenção de informação, enfatiza a linguagem, ou sistema codificado e o significado, apenas. A segunda definição integra à linguagem, como meio de aquisição de informação, a forma do texto contínuo escrito sobre superfície gravada, passando a considerar a superfície, ou suporte. Por fim, a terceira definição compreende a extração de informações apresentadas de modo diferente das anteriores, mediante tela eletrônica, como novo suporte, uma nova maneira de realizar o consumo de informação. Sendo assim, desde que a necessidade da escrita e da leitura consolidou-se, vêm sendo transformadas constantemente acompanhando o ritmo de crescimento da própria sociedade em processo de desenvolvimento. O autor destaca que a leitura certamente se manterá em expansão no futuro, pois se trata de um indicador do avanço da humanidade. Para que ocorram avanços, é indispensável necessidade prévia de busca de conhecimento, tornando-se processos cíclicos, em que se busca o conhecimento para se desenvolver e desenvolve-se para buscar o conhecimento novamente.

Em relação às primeiras necessidades de organização da sociedade, quando se reconheceu a utilidade potencial de registros escritos, Burgierman (1999) alega que, no princípio, a escrita apresentou-se em três berços, no Egito, em 3400 a.C., na Mesopotâmia, em 3100 a.C. e na Índia, em 3300 a.C. Afirma que “em pouco antes de 3000 a. C., três povos aprenderam simultaneamente a registrar suas ideias com marcas feitas em tijolos de argila” (BURGIERMEN, 1999, p. 52). As primeiras escritas a que se refere o autor, apesar de terem surgido em curto espaço de tempo, constituem-se de características amplamente distintas, cada uma de acordo com a própria cultura, costumes e conhecimentos. Os mesopotâmicos apresentaram a primeira escrita como caracteres cuneiformes, enquanto os egípcios a manifestaram com os hieróglifos e os indianos trouxeram a escrita dravda, “ninguém sabe exatamente o que querem dizer. Mas está claro que não são meros desenhos. Os cientistas não têm dúvida de que representam, realmente, palavras gravadas na argila” (BURGIERMEN,

1999, p. 54). O fato é que a invenção da escrita representa marco imprescindível na memória da raça humana: o fim da pré-história e início da história.

Burgierman (1999) relata ainda que as características da forma de escrita de um povo específico refletem as características vividas na época pela população desenvolvida, por exemplo, no caso da mudança de estilo de vida dos seres humanos:

Com a agricultura, o homem abandonou o nomadismo e sedentarizou-se, criando aldeias permanentes que deram origem a cidades e novas relações comerciais e sociais. Ou seja, a escrita foi inventada para organizar uma sociedade que se tornou complexa (BURGIERMAN, 1999, p. 57).

Diante de uma transformação clara e expoente como a passagem do nomadismo para ser sedentário, o homem pôde constatar algumas consequências que fizeram da sociedade cada vez mais desenvolvida, como por exemplo, as novidades das relações comerciais e sociais inexistentes até então. Portanto, a vivência se tornava complexa e assim surgiam novas necessidades. A escrita, então, foi desenvolvida em paralelo a essas circunstâncias e oportunidades advindas da inovação do sedentarismo, para a melhor adaptação do ser humano à nova realidade, frente à evolução causada pela mudança. Para que a sociedade pudesse continuar a se desenvolver foi encontrada nova maneira de obtenção de informações e conhecimento, por meio de registros escritos, ainda que primitivos e rudimentares.

Em outra ocasião, relatada pelo mesmo autor, de peças antigas encontradas no Egito, é demonstrada a mesma compreensão: “Cada placa retangular mede 3 centímetros de altura por 2 de largura e tem um furinho no canto, como se fosse uma etiqueta moderna. Assim, podiam ser penduradas num vaso por meio de um cordão” (BURGIERMAN, 1999, p. 54). Esse modelo de suporte para a escrita egípcia da época retrata claramente a correspondência às necessidades imediatas daquela cultura naquele momento. As placas retangulares, com o tamanho específico e o furo no canto, foram confeccionadas com a finalidade essencial de serem anexadas aos objetos com cordão, assim atendendo as atividades a serem desenvolvidas em questão, provavelmente controle das mercadorias comercializadas.

Paulino (2009, p. 2) ressalta as diferenças entre as diversas escritas primitivas específicas de cada cultura, em conformidade com as necessidades e artigos disponíveis para suporte:

Os sumérios guardavam suas informações em tijolos de barro. Os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas com cera. Os indianos faziam seus livros em folhas de palmeiras. Os maias e os astecas escreviam os livros em um material macio existente entre a casca das árvores e a madeira. No oriente, o livro era formado de tabulas de madeira ou de bambu atravessadas, reunidas por uma fivela. Os egípcios desenvolveram a tecnologia do papiro, uma planta encontrada às

margens do rio Nilo, suas fibras unidas em tiras serviam como superfície para a escrita hieróglifa. A palavra *papirus*, em latim, deu origem à palavra papel. Nesse processo de evolução surgiu o pergaminho feito geralmente da pele de carneiro, que tornava os manuscritos enormes.

Conforme o progresso da humanidade ocorreu, a leitura se transformou de modo que foi mais frequentemente levada em consideração, de acordo com as necessidades populacionais. Por exemplo, na época da Idade Média, a leitura passou a ser mais comum entre as sociedades. Freitas (2008) descreve que, nessa época, a leitura foi tratada como aptidão oral e passou a fazer parte da cultura dos indivíduos em habituais sessões realizadas em público, em que o leitor lia para os demais, que não sabiam ler, presentes no ambiente. A necessidade de ter acesso ao conhecimento levou a criação dessa nova forma de leitura, na qual diversos indivíduos, que apesar de não dominarem o ato de ler, buscavam informações, pois eram parte da sociedade em desenvolvimento e traziam necessidades.

Após a invenção da imprensa, ainda conforme Freitas (2008), o público pôde assistir à secularização da leitura. Explica a autora que a partir desse momento, os indivíduos leitores, que até então eram raros, passaram a compor maior quantidade da população. Os livros deixaram de ser restritos aos nobres e ao público religioso, e foram direcionados também à burguesia, se tornando mais acessíveis. Assim, a leitura deixou de ser de poucos livros, relidos ciclicamente e passou a ser voltada para o maior número possível de livros, lidos coletiva ou individualmente, possibilitando o aparecimento dos primeiros *bestsellers* e das primeiras paixões pela leitura. Portanto, informação e geração de conhecimento foram se tornando parte da vivência de cada vez mais indivíduos, assim, aumentando o acesso em um processo cíclico, quanto mais conhecimento é consumido pelo público, mais conhecimento é também gerado, em processo de crescente aceleração.

Ainda hoje a sociedade continua inserida em processo natural de evolução, em que as modificações ocorrem ainda mais rapidamente. Novos estudos e novas descobertas são realizados simultaneamente a cada ano, mês e semana, assim, a forma de obtenção de informações e conhecimento é transformada constantemente. A leitura, como fator primordial no processo de crescimento, mostra-se diferente enquanto evolui cada vez mais, porém a importância permanece igualmente grandiosa para a organização da complexa sociedade contemporânea. Para Souza (2008), os benefícios oferecidos pela leitura são os seguintes: resgate da cidadania, desenvolvimento da autoestima, desenvolvimento de olhar crítico, desenvolvimento de competências, integração social, ampliação de horizontes, capacitação e competência de profissionais, ampliação de vocabulário, etc.

A presente sociedade da informação conta com as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) como maneiras rápidas e cômodas de acessar o conhecimento disponibilizado na rede de internet. Pires (2012, p. 367) estabelece relação entre a leitura e as novas práticas surgidas na sociedade atual:

pelo que se pode analisar sobre a relação das TIC's e a leitura é que elas permitem ao leitor a construção de uma trajetória de autoaprendizagem mais qualificada e não linear, haja vista a quantidade de informações disponíveis na Rede Mundial de Computadores – devidamente filtradas – podem ser combinadas e recombinaadas em conexões mentais diversificadas, ou, ainda, redefinidas pelo acesso simultâneo a páginas de material informativo ou por ligações entre diferentes tópicos, sites e páginas.

O desafio da prática leitora em rede é a sobrecarga de informação disponibilizada na rede de internet. A leitura faz-se extremamente necessária para adquirir-se a habilidade de localização, seleção e filtragem das informações em meio à imensa quantidade de materiais espalhados na rede. O autor enfatiza essa questão afirmando que:

Esse ordenamento entre um emaranhado de conexões textuais, imagéticas e audiovisuais, associado à intertextualidade dos links, parece funcionar como um prolongamento do cérebro humano, convidando o leitor ao desenvolvimento de uma estratégia de leitura inovadora; bem como ao aprimoramento das habilidades, em especial a de saber localizar informações de qualidade e confiáveis, eliminando aquilo que se pode considerar lixo informacional (PIRES, 2012, p. 368).

A leitura encontra-se disponível em variados formatos na *web*. Materiais são encontrados com facilidade através de diversos dispositivos de acesso à rede, por exemplo, computador, *notebook*, *tablet*, *smartphone*, celular e até mesmo aparelho de televisão. Com essa gama de instrumentos para acessar a internet, pode-se deparar com quantidade absurda de informações produzidas e disponibilizadas por desconhecidos, portanto, sem garantia de confiabilidade. A facilidade de produção e disponibilização de informações trazidas pela popularização da internet e variados dispositivos de acesso a ela, torna um tanto mais complicada a tarefa de filtragem das informações válidas para consumo. Além disso, aborda-se mais adiante, a nova maneira de se comportar requerida pela internet, que tende a modificar o comportamento do leitor e acarreta reações particulares ao funcionamento do cérebro (CARR, 2011).

3 INTERNET

A internet constitui o espaço de convergência de conteúdos na produção, estocagem, troca e disseminação de informações. É reconhecida, a partir dos anos 90, como “poderoso instrumento de transformação nas formas de expressão e assimilação de conhecimento” (PINUDO; GOMES, 2009, p. 1).

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 212) trazem a definição de internet como “[...] união de várias redes de teleprocessamento – estaduais, regionais, nacionais e internacionais – em uma única rede lógica, compartilhando um mesmo esquema de endereçamento”. A interligação de redes permite vantagens, entre elas, o compartilhamento de informações de maneira universal, ampliando o espaço e a quantidade de materiais disponíveis de forma crescente. Por conta da essência de um padrão de endereçamento, cresce a possibilidade de acesso indeterminado.

Assim, a internet, ou o ciberespaço, é apontado por Monteiro (2006) como máquina de significados, ou máquina semântica em fluxo que despreza as barreiras de localidade, como fica claro na afirmação: “Nesse contexto, o ciberespaço é uma máquina semiótica com os signos em constante fluxo, em permanente desterritorialização” (MONTEIRO, 2006, p.32).

Diante da universalização e compartilhamento indefinido possibilitado pela rede, Pinudo e Gomes (2009, p. 2) também destacam a vantagem da ruptura da barreira geográfica de acesso à informação:

Com a Internet, a informação ganha ares de planetária, ou seja, o meio se torna capaz de comunicar algo sem a necessidade de emissor e receptor estarem no mesmo lugar (podem estar em estados, países ou continentes diferentes). Assim, universalização seria a capacidade de comunicação planetária. O universal baseia-se não apenas no imperativo técnico, mas na quebra de barreiras geográficas e no princípio de promoção do acesso em larga escala, longo alcance da rede, multiplicidade e diversificação de conteúdos e de produtores e consumidores destes.

Além da viabilidade de acesso desconsiderando a barreira de espaço físico, a rede oferece a possibilidade de acesso em larga escala. Um material impresso permite alcance limitado, não só ao espaço físico, mas também à singularidade de uso, por exemplo, é impossível que um grande número de pessoas utilize o mesmo material ao mesmo tempo de forma satisfatória, pois haveria diversas dificuldades, como a distância do indivíduo para enxergar o material, ou a divergência do próprio uso, por exemplo, nem todos necessitariam consultar o mesmo capítulo ou a mesma página, mas cada indivíduo provavelmente possuiria necessidade distinta dos demais, entre outras dificuldades. O material eletrônico de acesso remoto elimina essas adversidades inevitáveis ao material físico. Nesse caso, é possível que

milhares de acessos sejam feitos ao mesmo documento simultaneamente por pessoas nas mais distantes localidades, cada uma dispõe da possibilidade de acesso do dispositivo particular, no local desejado (seja em casa, na escola, no trabalho, etc.), dispõe de acesso à página adequada ao objetivo e também dispõe de tempo de utilização adequado à própria necessidade, sem contrariedades ou preocupações com as outras pessoas que acessam o mesmo documento ao mesmo tempo.

A grande multiplicidade de conteúdos, dada tanto pela facilidade de consumo de informações quanto pela facilidade de produção, também é incentivada pela capacidade de transmissão de dados em alta velocidade compreendida no âmbito da internet e apresenta-se como forte característica do uso da mesma. É notável a quantidade de endereços eletrônicos nos variados formatos, como páginas de informações, de notícias, de humor, portais de instituições, organizações, movimentos, perfis pessoais, páginas e comunidades em redes sociais, blogs, páginas de buscadores de textos, de vídeos, de imagens, repositórios institucionais, bases de dados, etc. Cunha e Cavalcanti (2008) destacam o grande volume de recursos disponíveis ao afirmar que a alta velocidade da rede permite a transmissão de grande dimensão de elementos. Como definição, descrevem: “[...] evolução da internet, com redes de alta velocidade onde é possível utilizar aplicações que exijam transmissões de grandes volumes de dados” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 212).

Esse poderoso instrumento de compartilhamento de informações foi criado na década de 1960, no contexto da disputa por desenvolvimento entre Estados Unidos e União Soviética, as duas principais potências mundiais do momento, isto é, no contexto “Guerra Fria”. A iniciativa partiu do Departamento de Defesa americano, com o objetivo de conceber um conjunto de dados para comunicação entre os centros militares do próprio departamento, em ação preventiva, caso tivessem de enfrentar um ataque nuclear de destruição parcial, as informações compartilhadas não seriam prejudicadas (DUMAS, 2014). Segundo Dumas (2014), a rede surgiu com base em sistema descentralizado chamado de *packet switching*, ou “troca de pacotes”, idealizado pelo pesquisador Paul Baran e por outros grupos de pesquisadores americanos, fruto de pesquisas da *Advanced Research Project Agency* (ARPA). O projeto resultou, em 1969, na rede ARPAnet, que seria responsável pelo vínculo das universidades de Stanford, Los Angeles, Santa Barbara e Utah. Porém, a expansão ocorreu, de fato, na década de 1970, na qual outras redes dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França adotaram linguagem comum, o protocolo TCP/IP, criado em 1974 por Robert Kahn e Vint Cerf, adotado pela ARPAnet em 1976. Assim, a conexão pôde atingir seu crescimento com milhares de computadores em rede, e surgiram também novidades como o correio eletrônico

(DUMAS, 2014). Outro salto no avanço da internet deu-se a partir dos anos 1990, quando o pesquisador Tim Berners-Lee, do Conselho Europeu para a pesquisa Nuclear em Genebra (Cern), lançou o protocolo *Hyper Text Transfer Protocol* (HTTP) e a linguagem *Hyper Text Markup Language* (HTML), permitindo então a navegação entre as páginas e causando verdadeira erupção no número de páginas (DUMAS, 2014).

A partir disso, a rede de internet consolidou a invasão e forte presença em meio à sociedade contemporânea, adquirindo importância na vida dos usuários, tornou-se largamente popular e sofreu modificações ao longo do tempo. Souza e Alvarenga (2004, p. 132) salientam a distinção entre os termos *web* e *internet*, ressaltando que são frequentemente misturados, porém os consideram distintos:

Surgida no início dos anos 90, a World Wide Web, ou simplesmente Web, é hoje tão popular e ubíqua, que, não raro, no imaginário dos usuários, confunde-se com a própria e balzaquiana Internet – a infra-estrutura de redes, servidores e canais de comunicação que lhe dá sustentação.

Os mesmos autores ressaltam que a proposta da internet surgiu apenas como projeto de um sistema distribuído de comunicação entre computadores a fim de manter a troca de informações durante o contexto da Guerra Fria, enquanto o projeto *web* trouxe o conceito de hipertexto a fim de oferecer interfaces mais amigáveis e intuitivas para organização e acesso diante do crescimento exponencial do repositório de documentos em meio à internet. Isso ocorreu por conta das novas necessidades causadas pelas transformações e pela evolução sofridas no ambiente tecnológico. Conforme assegura Dumas (2014, não paginado), a evolução desencadeou-se e permanece constante:

Os progressos da informática, associados aos do audiovisual e das telecomunicações, permitiram a criação de novos serviços. Depois do desenvolvimento de redes de banda larga com fio (ADSL e fibra óptica) e sem fio (wifi, Bluetooth e 3G), e da internet móvel (WAP), desenvolveram-se outras tecnologias e produtos da chamada “web 2.0”. Essa segunda geração se caracteriza por suas aplicações interativas (blogs, wikis, sites de compartilhamento de fotos e vídeos ou redes sociais), que renovaram a relação entre os usuários e os serviços de internet, criando o princípio de uma cultura compartilhada em rede.

A web 2.0 trouxe características inovadoras, como a interatividade e o dinamismo. Como afirmam Pereira e Carvalho (2012), ela representa espécie de segunda geração da internet, na qual é somada nova característica: a existência de espaços interativos que permitem a liberdade de modificação de conteúdos e criação de novos ambientes hipertextuais. Consiste, portanto, em “um espaço que favorece a colaboração, a interação, a comunicação e o compartilhamento de informação entre pessoas” (PEREIRA; CARVALHO,

2012, p. 103). Concordando com as autoras supracitadas, Blattman e Silva (2007, p. 211) certificam as “características da web 2.0 no qual se destaca o ambiente colaborativo para interação e participação de pessoas em recursos da internet”. O espaço colaborativo instiga novas formas de interação, como por exemplo, a *wiki*, recurso que, ainda, segundo os autores, “acelera o processo de socialização da informação e do conhecimento em espaços cada vez mais interativos e participativos. Desse modo, [...] pode criar o ambiente necessário para modificar a forma de acessar, obter, criar, modificar e publicar informações [...]” (BLATTMAN; SILVA, 2007, p. 211).

Além da *web* 2.0, a frenética evolução da internet apresentou a emergência da *web* 3.0, continuamente confundida com o termo *web* semântica, por conta da semelhante finalidade de ambas: “adicionar maior significado aos recursos informacionais disponibilizados na web [...]” (SANTOS; ALVES, 2009, não paginado). A preocupação de dar atenção a maior nível de significação aos recursos disponíveis na web decorre da necessidade de organizar a informação, visto que essa se apresenta em enorme volume na rede e de forma crescente, tornando-se alto o grau de dificuldade em controlá-la para apropriada recuperação posterior. Santos e Alves (2009, não paginado), defendem que a “Web Semântica foi idealizada no intuito de instituir maior nível semântico aos recursos informacionais disponibilizados, por meio de ferramentas capazes de interpretar e distinguir o sentido das palavras em um contexto e, assim, tornar a recuperação mais eficiente”. Segundo os autores, o objetivo de adicionar significado aos recursos informacionais é evitar contrariedades no momento da busca, localização, recuperação e acesso a esses recursos através de técnicas de inteligência artificial.

Monteiro (2006) defende que a criação do espaço *online*, chamado também de *ciberespaço*, não está desvinculada da criação da escrita como forma primeira de registrar e transmitir conhecimento. A autora responsabiliza a escrita pela possibilidade do compartilhamento universal de informações, que intitula máquina abstrata:

A escrita foi o primeiro sistema a tornar possível a máquina abstrata do “universal”, ou seja, não há universal sem a escrita, sendo que esta (a escrita) configurou a possibilidade da universalidade, de modo que era (e ainda é) possível estender e fixar os discursos para além do tempo e do espaço em seus suportes físicos de registro (MONTEIRO, 2006, p. 31).

Para ela, a escrita explicita magnitude de elemento básico diante da evolução e das grandes mudanças causadas pelas oportunidades ao longo das décadas. Assim como permitiu e continua permitindo ao ser humano registrar informações e mantê-las adiante do tempo e do espaço, torna-se exatamente o fator que proporciona a existência da própria universalidade.

Costa (2005) concorda que, apoiadas na escrita, as novidades em tecnologia apenas complementam a comunicação e distribuição da informação registrada – Novas formas de aprendizado e apresentação de informações vêm surgindo conforme o desenvolvimento da sociedade em um processo natural:

a revolução tecnológica não começou com o advento dos computadores pessoais, mas há muito tempo. Novos materiais (papiro, pergaminho, papel) ou novas ferramentas (estilete, pena de ganso, canetas, borracha, máquina de escrever, imprensa tipográfica, máquinas fotocopadoras, computadores) ou produtos tecnológicos que chamamos de portadores/suportes de textos (rolo de papiro, tablete de cera, códex, livro impresso, CD-ROM, home pages e websites na internet) são tecnologias culturais, procedimentos e dispositivos que, cada um a seu tempo, transformaram as relações com o outro, com os conhecimentos e o saber, com a escritura e a leitura (COSTA, 2005, não paginado).

Assim, as novas tecnologias, juntamente com a rede que as mantém conectadas, apresentam-se como uma nova maneira de transmissão de conhecimento e aprendizado, ao lado da escrita e da leitura. De fato, ocorreram mudanças no comportamento da sociedade, a partir delas em relação à informação disponível e em relação às suas próprias necessidades informacionais. O termo “sociedade da informação”, ou “sociedade do conhecimento”, foi designado para representar essa nova realidade. Cunha e Cavalcanti (2008, p. 347) esclarecem que o termo descreve o “[...] conglomerado humano cujas ações de sobrevivência e desenvolvimento se baseiam na criação, uso, armazenamento e disseminação intensa dos recursos de informação e do conhecimento mediados pelas tecnologias da informação e comunicação”. Freitas (2008) analisa a sociedade atualmente como a denominada sociedade da informação, pois para ela, a sociedade possui como matéria-prima a informação, que é altamente vasta. Essa situação foi conduzida pelas mudanças sociais e tecnológicas ocorridas nas últimas décadas, como “a massificação dos transportes aéreos, a expansão vertiginosa dos sistemas informáticos, os avanços tecnológicos, a velocidade e a profusão da imagem, do audiovisual e da informação” (FREITAS, 2008, p. 12). Mas, assim como toda matéria-prima precisa ser trabalhada, a informação também necessita ser processada pelo ser humano, uma vez que esta é insuficiente para a aprendizagem se não houver a assimilação.

4 LEITURA NA INTERNET

Perante as novas realidades propostas pela comunicação em rede e as novidades tecnológicas, a prática da leitura também se inclui nas transformações ocorridas. Isso ocorre porque a forma de leitura, como visto anteriormente, segue a maneira como a sociedade se comporta, incluindo a cultura, demandas e costumes. A escrita e a leitura foram, inevitavelmente, inseridas no contexto da revolução causada pelo desenvolvimento das tecnologias e da internet e do fenômeno da velocidade de produção e consumo de informações. Um exemplo claro é a leitura digital. Paulino (2009, p. 8) relata as diferenças imediatas entre a antiga forma de leitura e a nova, no caso dos livros para a leitura em dispositivos eletrônicos:

Este novo modelo de livro promovido por um suporte virtualizador transformou as relações sensoriais, elementos importantes no processo de leitura. O que antes era entendido como livro cede espaço para uma nova formatação que constitui o não-livro. A tela não possibilita a sensação do toque, do manuseio, como o livro tradicional. Não há mais uma relação afetiva; os sentidos não são mais os mesmos aguçados como no livro tradicional, no qual se fazem presentes e bem marcantes o tato, o contato direto com o objeto, a visão, que é atraída pela cor, pelo formato e até o olfato que identifica se o livro tem cheirinho de novo, de velho, etc. No livro eletrônico apenas a visão atua extensivamente.

Além dessas transformações básicas no campo sensorial do leitor, houve também as transformações no âmbito intelectual. A forma de interação do indivíduo com o texto através da leitura não se apresenta mais como no caso do impresso e, entre as principais características e novidades trazidas pelo livro eletrônico está o surgimento do hipertexto como possibilidade de uma forma de leitura não linear, pois assim, “o leitor tem condições de definir interativamente o fluxo de sua leitura a partir de assuntos tratados no texto sem se prender a uma sequência fixa ou a tópicos estabelecidos por um autor” (MARCUSCHI, 2007, p. 1). Desse modo, o leitor torna-se mais ativo e participativo na leitura, diferentemente do que seria possível no modo estático como um texto impresso se apresenta. O texto eletrônico oferece a multiplicidade de ligações com novos textos ou novas informações como caminhos a serem percorridos durante a leitura, de acordo com o desejo do leitor. Segundo Marcuschi (2007), a ordem das informações, no caso do hipertexto, é despreendida da própria estrutura escrita e não existe uma única ordem na qual o texto deve ser lido, mas sim várias possibilidades, com múltiplas entradas e múltiplas escolhas, portanto, há maior liberdade de navegação pelas informações como uma imersão em discursos espalhados pelas redes digitais.

Porém, Paulino (2009, p. 10) destaca que a liberdade dada ao leitor não se mantém absoluta, mas “cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura”. Para um bom desenvolvimento de leitura e aprendizado com o texto eletrônico, mostra-se clara a necessidade do indivíduo de dominar certas habilidades ou capacidades que o tornem competente para aproveitar-se de forma útil, das informações disponibilizadas em excesso na rede. A leitura digital, por meio da grande quantidade de ligações em hipertextos, muitas vezes, oferece informações além do necessário, e causa sensação de desorientação ao leitor. Marcuschi (2007, p. 10) declara que “Não será fácil navegar com segurança, sem a sensação de perda de tempo ou com o perigo de construir blocos desconectados e uma formação desconjuntada e fragmentária, tal como o próprio hipertexto se apresenta”. Blattmann e Viapiana (2005, não paginado), sobre as habilidades e competências, continuam argumentando que:

não basta ler, precisa haver análise do que se lê, discutir e interpretar para dar sentido e conseqüentemente fazer uso da leitura. Isto significa reforçar a competência individual e coletiva no entender, utilizar, refletir e discutir utilizando os processos de escrita e de leitura para interagir na sociedade.

A explicação dos autores traduz a preocupação acerca do comportamento dos usuários da internet: o senso crítico, de interpretação e de reflexão no ato da leitura. Acontece que as novas tecnologias trazem aos leitores uma nova maneira de ler, influenciada pelo *hyperlink* e pelas múltiplas e aceleradas informações em rede. A nova forma de se comportar diante da leitura tem refletido em hábitos negativos em indivíduos leitores. Esta não é uma discussão tão recente, questionamentos a esse respeito já foram considerados anos antes, quando ainda estava em causa a popularização da rede na sociedade. Por exemplo, na década de 1990, os autores Marcondes e Gomes (1997) alertavam sobre essa questão ao ressaltar que a internet, como símbolo de uma tendência contemporânea, é desprovida de autonomia própria, mas revela-se instrumentalizada pelo ser humano em suas relações sociais definidas, podendo ser utilizada de maneira satisfatória ou insatisfatória, e definem que:

É nestas relações [sociais definidas] que estará o bom ou o mau uso das novas tecnologias. A internet, em termos de sistema de informação, provê acesso imediato a uma quantidade gigantesca de informações científicas culturais, artísticas, de lazer, em tempo real, de forma direta pelo usuário, abrindo para este possibilidades antes inimagináveis (MARCONDES; GOMES, 1997, p. 57).

Dessa forma, os autores denunciam que diante de tamanho leque de oportunidades de acesso a informações de variados tipos, há responsabilidade que recai sobre o usuário de informação a respeito do aproveitamento, da utilidade e relevância da mesma, para si próprio.

Aquilo que é oferecido por meio das inovações tecnológicas e da rede demanda ponderação no uso, pois porta como características a rapidez de acesso e quantidade de materiais e as interligações próprias da rede de internet.

Além disso, como outro ponto negativo cogitado na mesma década, há o receio de Camargo (1996) com relação ao desenvolvimento do leitor e o próprio aprendizado em meio à imensidão de informações na qual se vê inserido, prevendo a superficialidade em contraposição com a quantidade de informações disponíveis: “A imensa quantidade e acesso ilimitado a fontes de informação não trariam em contrapartida o aprofundamento do conhecimento” (CAMARGO, 1996, p. 60). Destaca ainda que a massa de informação por apresentar-se fragmentada, sem seleção prévia, filtro, senso crítico, e não aprofundada, é impossibilitada de alcançar o nível de ser absorvida como conhecimento:

[a massa de informação] é de uma vasta dispersão e, ao mesmo tempo, é convite a oferta intensa de informação (em parcelas), sem garantias de se gerar conhecimento. Até porque o conhecimento é uma mercadoria particular, ela não pode ser consumida como outra mercadoria qualquer. Para consumir conhecimento é necessário, contraditoriamente, já possuir algum conhecimento (CAMARGO, 1996, p. 62).

A rede de internet proporciona o acesso à informação, no entanto, o acesso, apenas, é insuficiente para a geração de conhecimento, visto que outros fatores são de grande importância, como concentração, capacidade de síntese, conhecimento prévio, raciocínio, etc. Mostafa et al. (2004) mencionam que o ambiente digital chega a ser desfavorável ao aprendizado, em razão do modo como as ferramentas de navegação podem ser utilizadas e como a leitura é, geralmente, praticada em meio eletrônico, que apresentam graves consequências:

O paradoxo do ciberespaço quando tratado pelos analistas do processo de leitura assume outras posições onde se questiona [que] a fartura de textos pode levar a um estreitamento do raciocínio e do pensamento por interferência da própria forma de uso (veloz, fulgaz) das ferramentas de navegação (MOSTAFA et al., 2004, p. 61).

As alegações dos autores revelam a atenção requerida pela leitura em ambiente digital, na medida em que as condições nas quais é oferecida (o excesso de informações e sua velocidade, fragmentação, superficialidade, etc.) podem causar ao cérebro o risco de adaptar-se à realidade de como é praticada, trazendo consequências graves à inteligência do indivíduo, como estreitamento do raciocínio e do pensamento. Mais uma vez, mostra-se indispensável a prudência em relação ao uso da internet e à prática da leitura, sem desconsiderar a capacidade de adaptação contida no intelecto.

Essa preocupação é abordada também por Carr (2011) que confirma a capacidade de adaptação do cérebro através de descobertas em estudos neurológicos, feitas pelos cientistas Michael Merzenich e Eric Kandel. O autor combina as descobertas dos cientistas a uma análise dos meios midiáticos, e reflete sobre as influências da internet em seus usuários. As pesquisas constataam o cérebro humano altamente maleável e adaptável aos estímulos do meio ambiente no qual se insere, “com isso, se o cérebro é treinado para responder ao ritmo mais rápido do mundo digital, ele será remodelado de modo a favorecer esse tipo de experiência com relação ao mundo” (BASTOS, 2011, p. 262). A facilidade de remodelamento, causado pelo treinamento do ambiente, consiste na característica chamada plasticidade, por ser de improvável reversibilidade, ao contrário do que seria a elasticidade, na qual as adaptações ocorridas voltariam facilmente ao estágio anterior (CARR, 2011). A grande desvantagem trazida pela plasticidade do cérebro é que a exposição ao ambiente da internet pode trazer influências tão negativas quanto as referidas por Mostafa et al., estreitamento do raciocínio e do pensamento, por exemplo, e ainda outras detectadas por Carr (2011) em experimentos.

Carr (2011) ressalta como diferença entre a leitura impressa e a leitura em dispositivos eletrônicos o fato de que, enquanto os livros impressos estimulam o reforço da atenção, promovendo o pensamento profundo e criativo, a leitura digital dada pela internet propõe um modo rápido e distraído de leitura de pequenos pedaços de informação de várias fontes distintas. A experiência da leitura em rede distorce o quadro da leitura impressa, pois, a ética industrialista de velocidade, eficiência, consumo e produção otimizados à qual a internet se configura, leva o cérebro humano ao consumo de uma leitura rápida e diagonal, transformando-o de modo a minimizar a capacidade de concentração, mentalização e reflexão.

Além disso, há também a preocupação com a influência que as múltiplas distrações da rede podem exercer sobre as capacidades de empatia, compaixão e emoção dos usuários, pois com as características em causa, as noções de realidade e de contexto passam a ser mediadas:

Na medida em que o pensamento se torna mais superficial ou raso (shallow), o contato com argumentos diferentes e controversos tende a se tornar rarefeito e linhas de raciocínio mais convencionais tendem a predominar. Ainda que a internet seja uma poderosa ferramenta pra encontrar informação, ela muitas vezes requer um contexto que nem sempre está dado ou explicado (BASTOS, 2011, p. 265).

A apresentação de informações fragmentadas ao usuário é fortemente presente na forma de leitura digital, com efeito, não raras vezes, as informações podem situar-se de maneira descontextualizada, sendo assim, sua compreensão geral pode tornar-se limitada e comprometida de modo a afetar a emoção do indivíduo.

Os efeitos trazidos ao cérebro, na experiência de Carr (2011), são os seguintes: distração; alteração da estrutura cerebral; influência na maneira de pensar e agir; produção de influências que podem ser irreversíveis; perda da calma interior e do autocontrole; reversão penosa e lenta com possíveis recaídas no meio do caminho; dificuldades no processo de reversão, se o uso for intenso.

O autor continua destacando que o ambiente em rede proporciona o ler descuidadamente, o pensar apressadamente e distraidamente e o aprender superficialmente. Apesar de não ser propriamente regra, são essas as condições que a tecnologia encoraja e recompensa. Para justificar a alteração da estrutura cerebral por responsabilidade da rede, o autor demonstra a plasticidade do cérebro humano através de um exemplo simples, o aprendizado da linguagem. Sublinha que o processo de leitura e escrita não são atos naturais, mas foram possibilitados através do contato com o alfabeto e outras tecnologias. Por essa razão exige ensino e prática, que proporcionam como efeito, o remodelamento do cérebro de acordo com os novos aprendizados e as novas ligações em seus neurônios. Indivíduos alfabetizados diferem-se dos analfabetos em diversos pontos dentro do âmbito das atividades cerebrais, como por exemplo, a compreensão, a linguagem, o processamento de sinais visuais, o raciocínio e a memória.

Além deste, o autor coloca também em questão outro exemplo, o da prática da leitura em seu princípio, quando houve a passagem da escrita para um novo patamar, no qual foram inseridos os espaços entre as palavras e as pontuações, até então inexistentes na prática da leitura e da escrita, tanto nos documentos em latim quanto em línguas vernáculas. A necessidade dessa grande transformação para a época surgiu na medida em que a sociedade passou a alimentar o interesse pela leitura direcionada tanto para o sentido da visão quanto para o sentido da audição, assim facilitou-se o ato de decifrar o texto para uma leitura mais rápida, individual, silenciosa, e com maior compreensão. Portanto, essa transformação na sociedade causou o surgimento de uma nova forma de leitura, que exigiu, então, dos leitores, novos aprendizados e mudanças complexas de circuitos cerebrais. Assim, houve o remodelamento do cérebro como adaptação à nova realidade da prática da leitura, o qual refletiu na experiência pessoal de leitura e escrita e, conseqüentemente, nas relações sociais.

Outro ponto relevante ressaltado pelo autor é a atenção à forma distraída de leitura praticada na internet, pois esta é uma prática que se torna cada vez mais comum entre os leitores e os impactos atingem além da concentração, a memória e outras funções intelectuais do leitor. Segundo ele, na medida em que se desencadeou a evolução e popularização das novas tecnologias na sociedade, o tempo dedicado às mídias impressas foi diminuído em

relação aos anos anteriores, apesar de que a leitura em si não diminuiu nesse sentido. O fato é que, dentre as quatro categorias de mídias pessoais (impressas, televisão, computadores e rádio), a mídia impressa é a que tem recebido menor atenção. Portanto, a prática da leitura tem sido transferida das mídias impressas para as mídias eletrônicas, progressivamente. Como ponto negativo em relação a essa transferência, Carr (2011) aponta que enquanto a internet adentra as mídias nas quais a leitura se insere, os vínculos entre as páginas, chamados de *hiperlinks*, expressam aos leitores o poder de distração em meio a leitura digital. Novas práticas de leitura, que se adequam à navegação superficial entre os *links*, garantem mais facilidade ao enfraquecimento e ao rompimento de circuitos do cérebro que oferecem suporte a antigas funções intelectuais. Portanto, enquanto o cérebro se concentra em aprender as novas habilidades propostas, aproxima-se da deslembração ou abandono de habilidades antigas não muito utilizadas, assim atingindo a memória do indivíduo. Isso acontece por conta do funcionamento da atividade cerebral, que reaproveita os neurônios e suas ligações não utilizadas com frequência para outros trabalhos, e antigas habilidades e perspectivas podem ser perdidas por serem substituídas por novas. Se o cérebro encontra-se sobrecarregado com contínuos estímulos da rede, como hipertextos e multimídias, por exemplo, é comprometida a capacidade de aprendizado e assimilação do próprio texto, nem sempre tanta informação é possibilitada de tornar-se conhecimento.

Quanto à frequência das distrações, Carr (2011) identifica que inúmeras atividades oferecidas pela rede causam aos seus usuários frequentes interrupções na atividade realizada, como, por exemplo, notificações de e-mails, mensagens instantâneas, postagens, etc. O usuário reverte-se, então em um indivíduo multitarefas, condicionado a dividir a sua atenção entre certa quantidade de funções ou afazeres. Porém, essa constitui uma característica prejudicial à atenção, à compreensão e ao entendimento de cada uma das atividades realizadas. O condicionamento à esfera multitarefas leva o indivíduo a um anseio por novas informações e supervalorização do instantâneo, mesmo quando a novidade em questão não representa informação essencial, mas sim trivial. Como afirma o autor, é como se houvesse inquietação, impulso de desejo pelas próprias interrupções, advinda do hábito ou costume de realizar constantemente mais de uma tarefa ao mesmo tempo:

assim pedimos à internet que continue a nos interromper, cada vez mais e de modos diferentes. De bom grado aceitamos a falta de concentração e de foco, a divisão da nossa atenção e a fragmentação dos nossos pensamentos, em troca da abundância de informação premente ou, pelo menos, divertida que recebemos (CARR, 2011, p. 185).

Resultados de pesquisas mencionadas na obra de Carr (2011) demonstram que a capacidade de otimização de diversas tarefas não torna o indivíduo mais habilidoso e inteligente, mas pelo contrário, prejudica a capacidade mental. Além disso, a leitura na internet é passível de tornar-se horizontal e extremamente acelerada, o que confronta o aprofundamento da mesma, já que é feita de forma superficial, rápida, alternada de uma fonte para outra em pouco espaço de tempo, com insuficiente nível de concentração. A leitura de modo rápido torna-se desfavorável quando é tratada como modo dominante de leitura, sobressaindo-se à leitura aprofundada, entretanto, possui grande importância em casos específicos, como conferência ou de exame do texto.

A política de trabalho da empresa Google, buscador comum no cotidiano de quem frequenta a internet, ainda segundo Carr (2011), é incentivadora do comportamento superficial, horizontal e acelerado de leitura, pois este favorece os objetivos e interesses. A empresa conserva-se na filosofia do taylorismo, visando incentivar o consumo de informações:

A Google, como supridora das principais ferramentas navegacionais da web, também molda a nossa relação com o conteúdo que ela nos serve tão eficientemente e em tanta profusão. A tecnologia intelectual da qual ela é pioneira promove o sobrevoo veloz e superficial sobre a informação e desencoraja qualquer envolvimento profundo e prolongado com um único argumento, ideia ou narrativa (Carr, 2011, p. 214).

Segundo o autor, o sistema de anúncios com o qual a empresa trabalha requer a coleta de informações sobre os usuários, a fim de trazer, de acordo com o perfil de cada um, o anúncio que mais lhe interessa ao respectivo campo de visão. Para tanto, é útil a indução a permanência mínima de tempo em uma única página. Quanto maior a quantidade de *hiperlinks* o usuário clicar, mais informações sobre ele serão coletadas. Com isto, realiza-se o encorajamento ao sobrevoo veloz e superficial sobre a informação e procura-se evitar o envolvimento profundo do usuário com um argumento único. O interesse em traçar o perfil do usuário dessa forma encontra-se no lucro com o sistema de publicidade e propaganda sustentada pelos anúncios. O sistema baseia-se em prover maior destaque ao maior lance financeiro por parte dos anunciantes, como um leilão, além da quantidade de vezes que o anúncio é acessado.

Entretanto, esse não é o único interesse da empresa. Carr (2011) apresenta também o interesse em projetos de disponibilização de materiais em rede para todo o planeta, como por exemplo, o projeto de digitalização de todos os livros do mundo. Apesar de ser aparentemente uma proposta inofensiva, o autor ressalta o cuidado necessário diante desse tipo de iniciativa:

Mas a inevitabilidade de transformar as páginas de livros em imagens on-line não deve impedir que consideremos os efeitos colaterais. Tornar um livro encontrável e buscável on-line é também desmembrá-lo. A coesão do seu texto, a linearidade do seu argumento ou narrativa, enquanto fluem através de muitíssimas páginas, é sacrificada. [...] A quietude [...] também é sacrificada. Circundando toda página ou trecho do Google Book Search há uma pletora de links, ferramentas, abas e anúncios, cada um ansioso por fisgar uma parte da atenção fragmentada do leitor. (Carr, 2011, p. 226).

O autor ressalta a importância da prudência para evitar a visão do entrelaçamento entre os interesses almejados pela empresa Google e o das bibliotecas tradicionais, pois, “a grande biblioteca que a Google está correndo para criar não deve ser confundida com as bibliotecas que conhecemos até então. Não é uma biblioteca de livros. É uma biblioteca de fragmentos” (CARR, 2011, p. 227).

Outro fator que, aliado aos anúncios, propagandas e à fragmentação de textos na internet, causa profundas transformações cerebrais, é o uso intenso das redes sociais. Carr (2011) afirma que a ascensão de redes sociais como *MySpace*, *Facebook* e *Twitter* trouxeram maior aceleração da internet pela supervalorização de incessantes atualizações a milhões de membros, em tempo real, além de breves notícias. Esse caráter conferiu nova ênfase ao imediato, além de oferecer nova maneira de manter-se em contato social constante:

Uma “atualização de status” de um amigo, colega de trabalho ou celebridade favorita perde o seu valor de circulação logo após ter sido publicada. Estar atualizado exige o monitoramento contínuo das mensagens de alerta. Há uma competição feroz entre as redes sociais para disponibilizar mensagens sempre mais frescas e em maior abundância (CARR, 2011, p. 216).

Outro assunto, abordado pelo autor, explicita que há tendência do ser humano de “transferir” a responsabilidade das resoluções de problemas e de esforços mentais para os computadores e os *softwares* inteligentes, visto que as companhias da internet sustentam alta competição para facilitar o cotidiano. A partir disso, ele explica que a assistência oferecida pelos *softwares* facilitadores das atividades possui poder para reduzir, com sutileza, mas de modo prejudicial, a capacidade mental do usuário:

À medida que cedemos aos softwares mais do esforço de pensar, ficamos mais propensos a diminuir a nossa capacidade cerebral de modos sutis, mas significativos. Quando alguém escavando valas troca a sua pá por uma escavadeira, os músculos de seus braços se enfraquecem mesmo que a sua eficiência aumente. Uma troca semelhante pode acontecer ao automatizarmos o trabalho da mente (CARR, 2011, p. 293).

Em complemento às ideias propostas por Carr (2011), Setzer (2012) destaca o impacto da internet sobre crianças e adolescentes como questão ainda mais séria, visto que se eles se encontram em processo de formação das capacidades mentais. Setzer (2012) assegura que o uso dos meios eletrônicos é inadequado para o indivíduo na fase da infância e adolescência, pois são prejudiciais tanto em âmbito físico, com a tendência à inatividade física e possível obesidade, quanto mental, diante das transformações causadas ao cérebro. Nessa faixa etária, o usuário se encontra em desenvolvimento da autoconsciência e autocontrole. Afetar a formação dessas capacidades seria proporcionar a queima de etapas na educação, o que tornaria o indivíduo provavelmente em um adolescente e em um adulto com complicações, principalmente psicológicas e sociais. Além disso, o autor ressalta a importância do senso crítico em meio ao oferecido pela rede:

Mas não é apenas autoconsciência e autocontrole que a Internet exige. Ela exige também muito conhecimento e discernimento, para se distinguir o que é verdadeiro do que é falso (haja falsidade na Internet, como os famosos hoaxes, notícias falsas, como por exemplo uma que circula nela há anos, de que o governo inglês proibiu o ensino do Holocausto nazista nas escolas), o que é belo do que é feio, o que é bom do que é mau. Novamente, crianças e adolescentes também estão desenvolvendo conhecimento e discernimento. Mas isso me leva a dois outros grupos de pessoas para as quais a Internet não é adequada: pessoas sem cultura e idosos ingênuos (SETZER, 2012, não paginado).

Diante das características negativas levantadas pelos autores citados, surge o interesse em realizar uma pesquisa sobre a percepção que leitores possuem da internet em seu próprio uso.

5 METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa refere-se ao princípio e ao curso de “um movimento de pensamento cujo esforço e intenção direciona-se à produção de um novo conhecimento” (GÓMES, 2000, não paginado). Para Cunha e Cavalcanti (2008, p. 248), significa a “parte lógica que estuda a aplicação dos princípios do raciocínio à pesquisa científica, filosófica e técnica”. Em meio ao processo de criação de conhecimento na ciência, a metodologia possui papel imprescindível, visto que constitui forma de organização de operações relevantes para a execução da pesquisa.

Nesse trabalho, a pesquisa busca analisar a percepção dos leitores da própria atividade de leitura com o advento da internet, possui abordagem descritiva e quantitativa. O instrumento de coleta utilizado foi o questionário.

O questionário é constituído por um conjunto de perguntas sistematizadas com a finalidade de obter levantamento de dados (FONSECA, 2002). As vantagens do questionário incluem o aproveitamento do tempo em relação a entrevistas, abrangência de maior número de respondentes e o anonimato, que confere maior liberdade às respostas. Entre as desvantagens estão possibilidade de ausência de respostas e má compreensão das perguntas (OLIVEIRA, 2000).

Dentre leitores usuários da internet, um grupo com características específicas foi escolhido como público-alvo da pesquisa. São usuários da rede social colaborativa brasileira *Skoob*, desenvolvida exclusivamente para apreciadores da leitura, chamados *skoobers*. Por meio da rede, é possível praticar a leitura e compartilhar experiências sobre obras lidas com outros leitores. A população da pesquisa, portanto, é o conjunto de usuários da rede *Skoob*, escolhida com base no fato de que esta rede social reúne amantes da leitura que, simultaneamente, frequentam o ambiente da internet, participando de redes sociais, mantendo-se conectados a outras pessoas e realizando trocas de informações a respeito da atividade leitora. Assim, os *skoobers*, compõem o público adequado para a realização da presente pesquisa. A rede conta com aproximadamente 2,3 milhões de membros cadastrados e disponibiliza aplicativos gratuitos para iOS e Android.

Com auxílio da ferramenta “Formulários Google”, que permite a criação de questionários de preenchimento *online* personalizados, foi confeccionado um questionário, composto por 16 perguntas, cujo endereço eletrônico foi disponibilizado em 15 comunidades do *Skoob*, selecionadas aleatoriamente, durante o período de 28 de outubro a 4 de novembro de 2015. Foram elaboradas perguntas fechadas, entretanto, na opção “outros”, presente em

algumas delas, foi oferecida a possibilidade de responder abertamente, caso a resposta não se encaixe nas opções do questionário.

O pré-teste foi realizado com três leitores usuários da internet, com perfil semelhante ao da população a ser pesquisada. A partir disso, foram identificados detalhes que poderiam ser acrescentados para tornar o entendimento mais claro. Posteriormente, depois de alterado, foi testado com mais um indivíduo e verificada a melhoria.

Foram respondidos, completa e corretamente, 35 questionários. Essa foi a composição da amostra. A rede *SKOOB* conta com aproximadamente 2,3 milhões de perfis cadastrados.

A tabela 1 apresenta os objetivos específicos relacionados às questões do questionário.

Tabela 1 – Relação entre objetivos específicos e questões

Objetivos específicos	Questões
Identificar o perfil demográfico e experiências de leitura	1, 2, 3, 4, 6, 7
Identificar práticas de leitura no computador	5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14
Identificar percepção dos leitores sobre suas práticas de leitura na internet	13, 15, 16

Fonte: elaboração própria

5.1 Rede social *Skoob*

Fundada em 2008, por Lindenberg Moreira (VENTICINQUE, 2009), é composta por leitores que apreciam compartilhar leituras realizadas e interesses de leitura com outros leitores conectados. A rede permite criação de perfil ou espaço literário; vínculos de outros perfis à própria conta, como amigos; envio de convite a possíveis usuários; vínculos de livros à conta por meio de busca de títulos, formando estante virtual; separação dos livros da estante virtual em categorias como favoritos, lidos, abandonados, metas de leitura, desejados, possuídos, emprestados, disponíveis para troca; participação no programa de trocas de livros entre usuários; elaboração de comentários e notas ao livro durante a leitura; elaboração de resenhas e indicação de livros a outros usuários, após a leitura; atribuição de classificação aos livros por escala de estrelas, de um a cinco; participação de grupos literários; acompanhamento de atualizações de autores e editoras (SKOOB, [S.d.]).

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para análise dos resultados, os dados dos questionários enviados foram tratados com a utilização da ferramenta Microsoft Excel 2010.

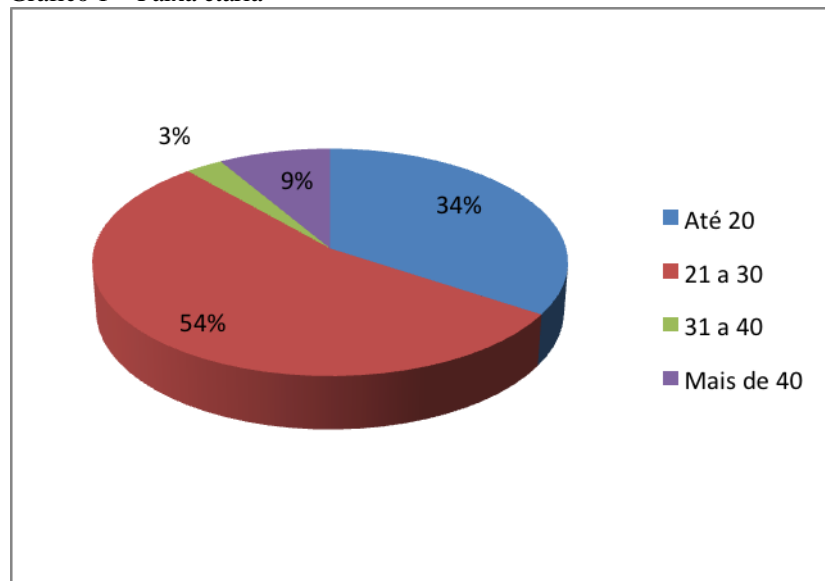
6.1 Perfil demográfico e experiências de leitura

O primeiro aspecto abordado refere-se à identificação das características demográficas dos usuários do *Skoob* e das experiências de leitura, a fim de traçar um perfil a respeito do acesso à internet e a forma como se relaciona com a leitura.

6.1.1 Faixa etária

A faixa etária em que se apresenta a maior parte dos respondentes da amostra, no caso 54%, situa-se entre 21 e 30 anos. Respondentes até 20 anos representam 34% da amostra. A partir de 30 anos, representam apenas 11%, sendo que 9% têm de 31 a 40 anos e 3% mais de 40 anos de idade. Sendo assim, os usuários caracterizam um público jovem, em maioria.

Gráfico 1 – Faixa etária

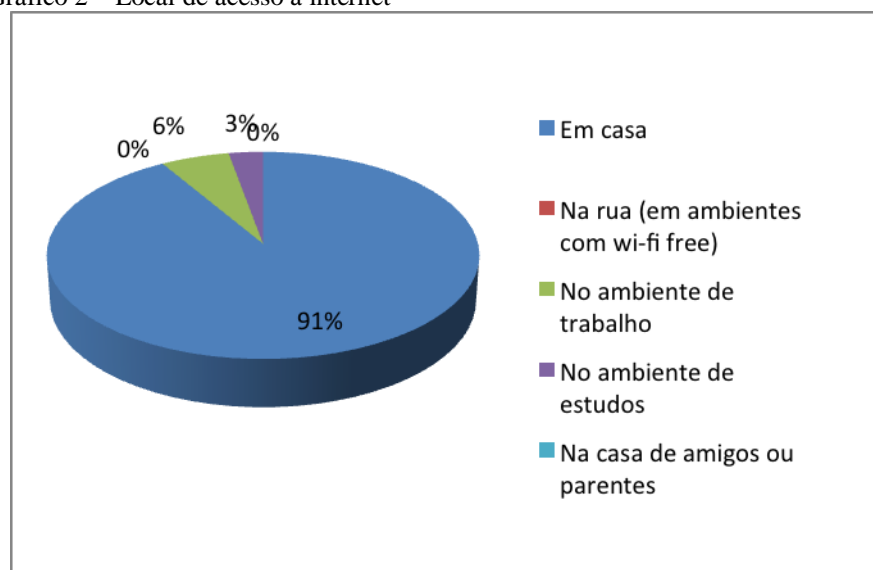


Fonte: elaboração própria

6.1.2 Local de acesso à internet

Buscou-se identificar o local onde os usuários acessam a internet mais frequentemente. A grande maioria, 91%, utiliza a internet predominantemente em casa. Apenas 9% utilizam predominantemente em outro ambiente, sendo 6% no ambiente de trabalho e 3% no ambiente de estudos. Nenhum dos participantes respondeu que acessa a internet com mais frequência na rua, em ambiente com rede sem fio grátis, ou na casa de parentes ou amigos. Em geral, os respondentes são indivíduos com boas condições de acesso à internet.

Gráfico 2 – Local de acesso à internet

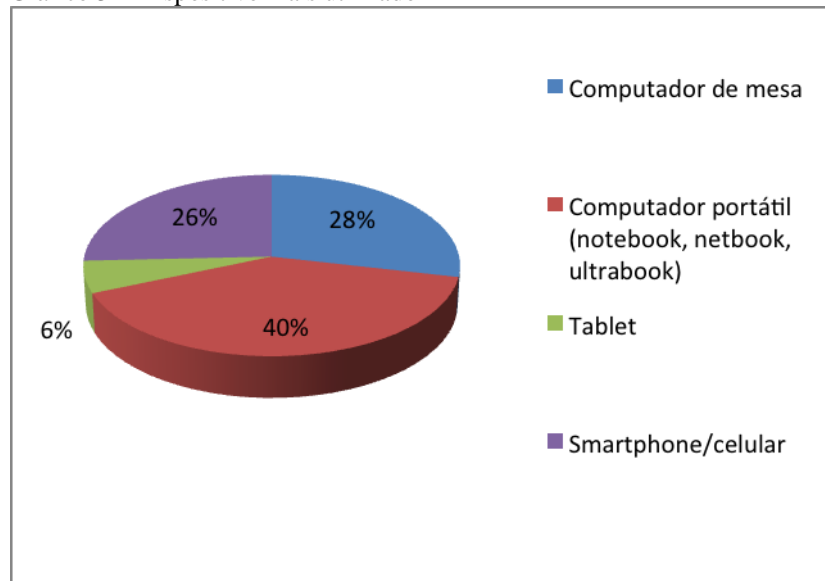


Fonte: elaboração própria

6.1.3 Dispositivo mais utilizado para acessar a internet

Quanto aos dispositivos mais utilizados para o acesso à internet, o mais frequente é computador portátil, como *notebook*, *netbook* ou *ultrabook*, usado por 40% dos respondentes. Em seguida, segue o computador de mesa, utilizado por 28%, e smartphone ou celular, por 26% dos respondentes. O *tablet* foi o menos indicado, com 6%.

Gráfico 3 – Dispositivo mais utilizado

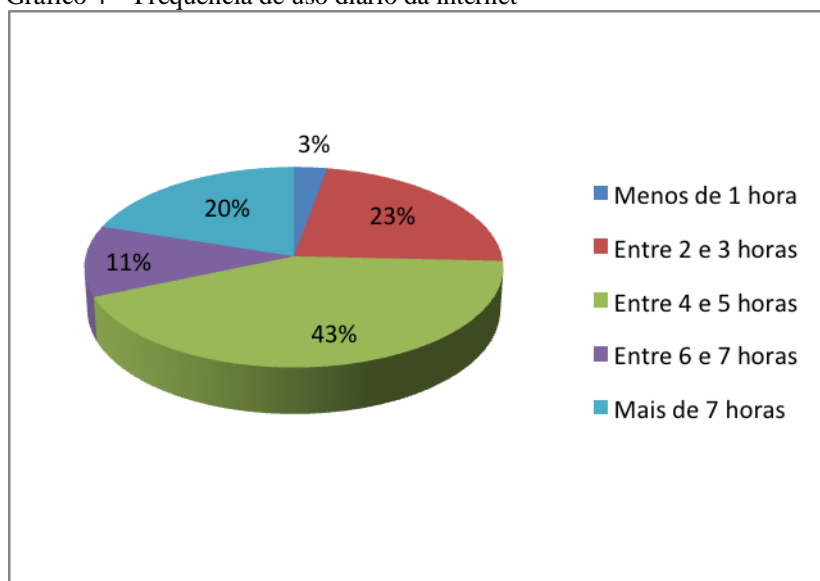


Fonte: elaboração própria

6.1.4 Frequência de uso diário da internet

A preocupação antiga de Marcondes e Gomes (1997) sobre a característica da internet desprovida de autonomia própria, mas apenas um instrumento utilizado bem ou mal pelo ser humano, confirma, dias mais tarde, que esta foi real símbolo de tendência contemporânea. Sobre a tendência de utilização de tal instrumento, os participantes foram questionados sobre a quantidade de horas gastas na internet por dia. Verificou-se que 42% permanecem entre quatro e cinco horas diárias conectados à internet, 23% entre duas e três horas, e 20% mais de sete horas. Apenas 11% gastam entre seis e sete horas e a menor porcentagem, 3%, gasta menos de uma hora em ambiente *online*.

Gráfico 4 – Frequência de uso diário da internet



Fonte: Elaboração própria

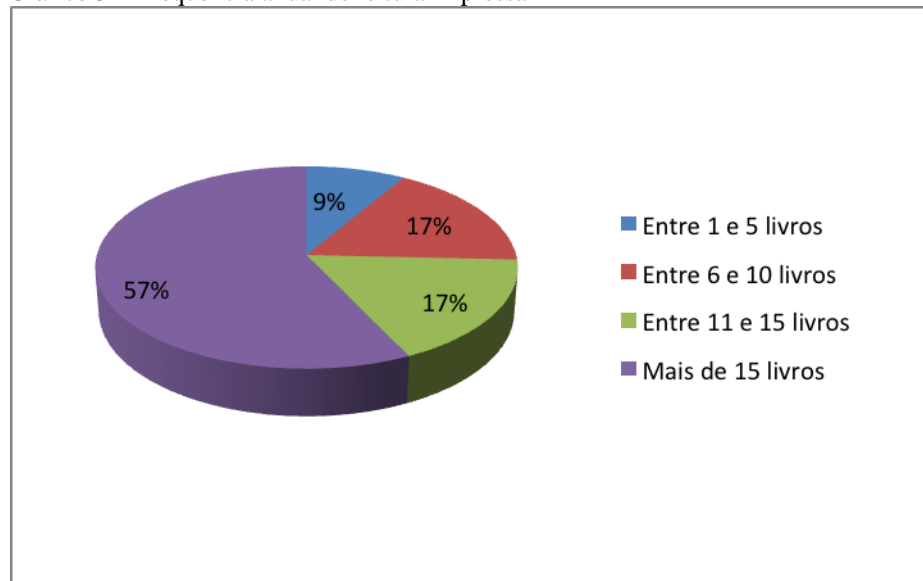
6.1.5 *Frequência anual de leitura*

Buscou-se identificar a quantidade de livros lidos por ano pelos respondentes, tanto no formato impresso quanto no digital. Até então, tratou-se do uso da internet de forma geral, contudo, neste subtópico aborda-se especificamente a leitura de livros em formato digital.

Carr (2011) chama atenção para as diferenças entre as leituras em ambos os formatos. Afirma que no formato impresso, é estimulada a atenção e o pensamento profundo e criativo, enquanto no formato digital é estimulado um modo rápido e distraído de leitura de textos fragmentados, vindos de fontes de informação distintas. Destaca ainda que a ética industrialista de velocidade, eficiência, consumo e produção são responsáveis por tais estímulos na leitura digital.

Na pesquisa realizada, foi verificada a frequência anual de leitura para cada formato. No caso do impresso, a maioria, 57%, respondeu que lê, em média, mais de 15 livros por ano, enquanto 17% responderam que lê de seis a dez livros e, o mesmo número, responderam de 11 a 15 livros. Apenas 9% leem, em média, até cinco livros.

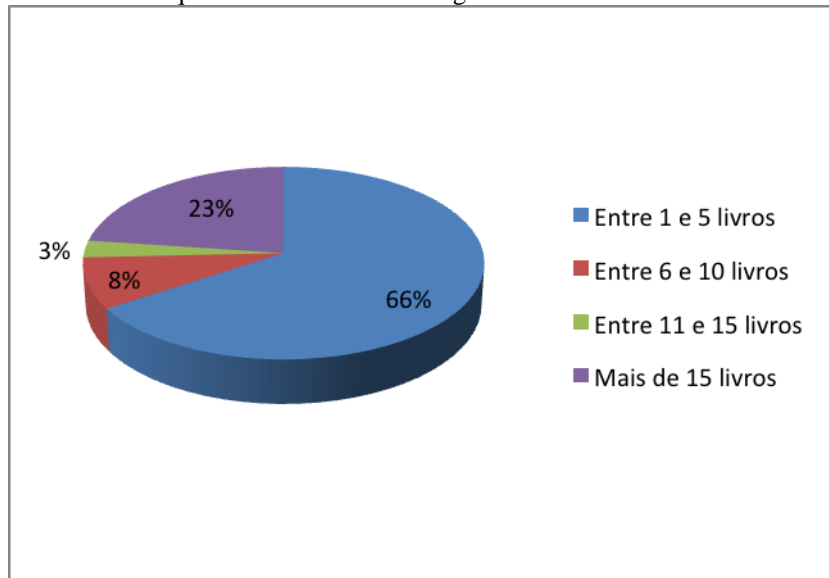
Gráfico 5 – Frequência anual de leitura impressa



Fonte: Elaboração própria

Por outro lado, no formato digital a maioria, 66%, respondeu que lê, em média, entre um e cinco livros por ano. Dos respondentes, 22% relataram ler mais de 15 livros, enquanto apenas 8% e 3%, respectivamente relataram ler entre seis e dez e entre 11 e 15 livros digitais anualmente.

Gráfico 6 – Frequência anual de leitura digital

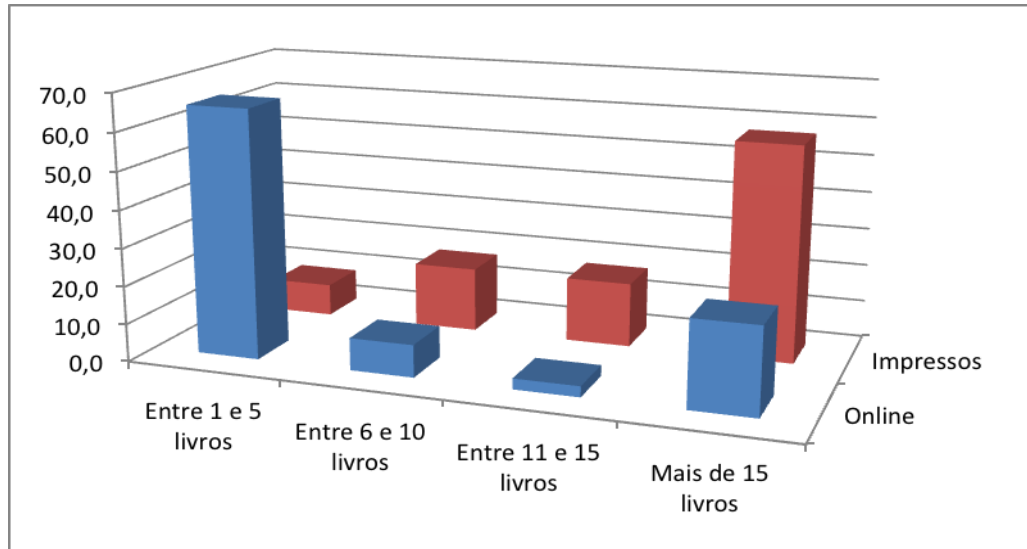


Fonte: Elaboração própria

Diante dos dados apresentados, certifica-se que a maioria dos *scoobers*, apesar de possuir acesso à internet em casa, dispositivos de acesso disponíveis e empregar grande parte do tempo diariamente em atividades *online*, realiza a leitura de livros em formato impresso,

enquanto 57% leem mais de 15 livros impressos, 66% leem apenas entre um e cinco livros digitais. No gráfico 7, a representação da coluna mais alta de um é oposta a do outro, mostrando a diferença extrema entre as respectivas frequência de leitura.

Gráfico 7 – Preferência de leitura



Fonte: Elaboração própria

Aparentemente em contradição, Carr (2011) afirma que a leitura em ambiente digital foi alargada de acordo com a evolução e popularização das novas tecnologias na sociedade. Segundo ele, o tempo dedicado às mídias impressas foi reduzido, porém, a leitura em si não sofreu nenhuma redução, portanto, a prática da leitura tem sido transferida das mídias impressas para as eletrônicas, gradativamente. Entretanto, o conferido nas respostas da presente pesquisa é que, em se tratando de leitura exclusivamente de livros, o formato impresso ainda retém maior atenção dos leitores.

6.2 Práticas de leitura *online*

Nesse tópico, procurou-se reconhecer o modo como os indivíduos costumam se comportar em relação à leitura enquanto encontra-se em ambiente digital, ainda que a leitura seja realizada em formato impresso, porém, o leitor mantém-se conectado à rede.

6.2.1 Atividades *online* não relacionadas ao trabalho

Carr (2011) apresenta a política de trabalho da empresa Google como incentivadora do comportamento superficial, horizontal e acelerado na internet por favorecer seus objetivos e interesses. O sistema de anúncios trabalhado pela empresa é baseado na coleta de informações sobre os usuários para que lhe sejam oferecidos os serviços e produtos adequados a seus interesses. Para tanto, é necessário que a maior quantidade de *hiperlinks* possível seja acessada, por isso há o incentivo de navegação veloz e superficial ao invés de envolvimento profundo com um argumento único.

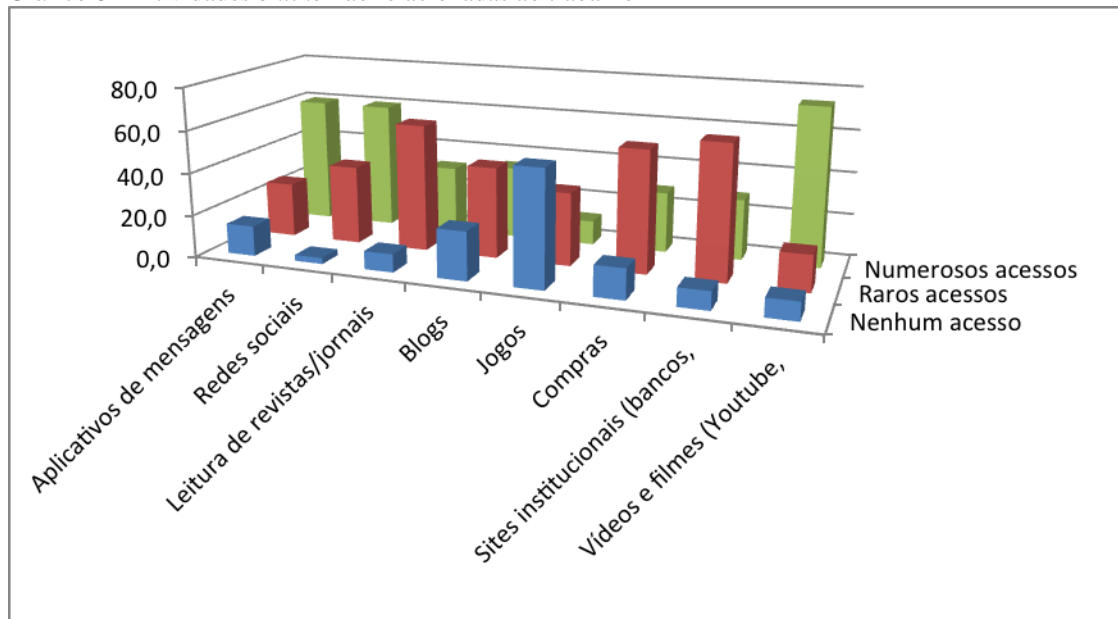
Ao utilizar a internet para assuntos não relacionados ao trabalho, os participantes frequentam alguns aplicativos e sites em comum. Foi questionada a frequência de acesso em cada um deles por meio de uma escala, a fim de estabelecer comparação entre os mesmos. Foram dadas três opções na escala para cada site ou aplicativo, “Nenhum acesso”, “Raros acessos” e “Numerosos acessos”.

Os sites/aplicativos que receberam maiores porcentagens de escolha da opção “Numerosos acessos” são os de vídeos e filmes, redes sociais e mensagens instantâneas. Os primeiros receberam 74% das respostas na opção “Numerosos acessos”, 17% na opção “Raros acessos” e apenas 9% escolheram a opção “Nenhum acesso”.

Os dois últimos receberam cada um, 60% das respostas na opção “Numerosos acessos”. Entretanto, os de redes sociais receberam mais escolhas “raros acessos”, totalizando 37%, do que os de mensagens instantâneas, no caso 25%. Além disso, os de redes sociais receberam apenas 3% de respostas na opção “Nenhum acesso”, enquanto os de mensagens instantâneas receberam 14%.

As maiores porcentagens de escolha da opção “Raros acessos” foram dos sites/aplicativos institucionais, leitura de revistas/jornais, compras e blogs. Os sites institucionais receberam 63% das respostas nessa opção, enquanto 28% responderam “Numerosos acessos” e apenas 8% “Nenhum acesso”. Para os de revistas e jornais foram 60% dos respondentes, enquanto 31% optaram por “Numerosos acessos” e somente 9% “Nenhum acesso”. No caso dos sites/aplicativos de compras, foram 57% na referida opção, enquanto 29% marcaram “Numerosos acessos” e apenas 14% “Nenhum acesso”. Por fim, os blogs alcançaram 43%, enquanto 34% selecionaram a opção “Numerosos acessos” e 23% disseram que não realizam “Nenhum acesso”.

Como os menos preferidos entre os sites/aplicativos dos *scoobers*, os dados apontaram os de jogos. Com a maioria, 54% das respostas, na opção “Nenhum acesso” contra 34% de preferências por “Raros acessos” e somente 11% por “Numerosos acessos”.

Gráfico 8 – Atividades *online* não relacionadas ao trabalho

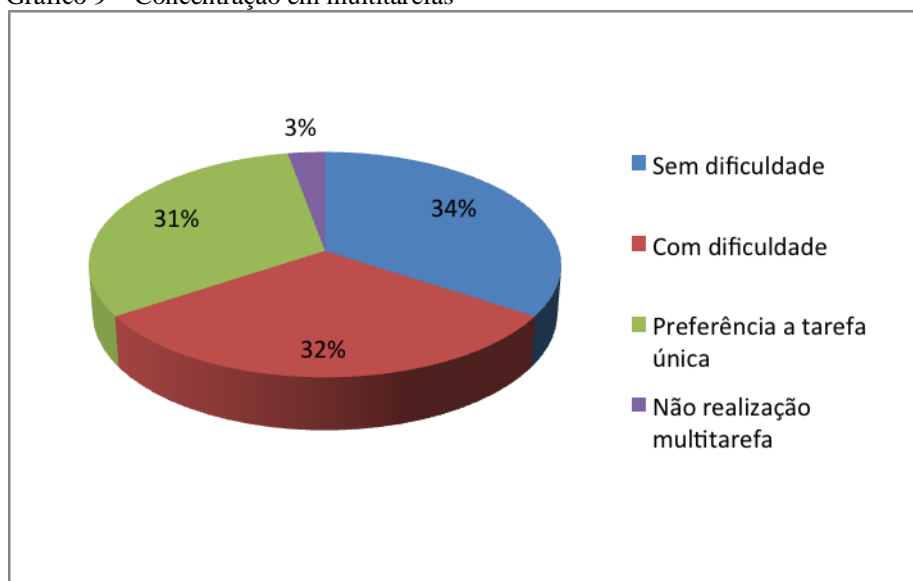
Fonte: Elaboração própria

6.2.2 Concentração em multitarefas

Quando conectados à internet, há uma série de atividades que proporciona aos usuários interrupções na realização de tarefas. Diante disso, o indivíduo é impelido a dividir atenção para vários afazeres ao mesmo tempo, tornando-se multitarefas. A condição multitarefas conduz a um anseio por novidades e supervalorização do instantâneo. Porém, a capacidade de realizar mais de uma atividade ao mesmo tempo não acrescenta ao indivíduo mais habilidades e inteligência, mas prejudica a capacidade mental, pois as tarefas são realizadas de forma acelerada, superficial e desconcentrada (CARR, 2011).

Buscou-se verificar a tendência dos participantes em realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo. Segundo Carr (2011), essa tendência trata-se de uma modificação no cérebro ocasionada pelo uso intenso da internet, que oferece múltiplas atividades simultaneamente, nas quais há constantes interrupções, pela rapidez do movimento do fluxo de informações. Na pesquisa, foi solicitado que respondessem a respeito da percepção sobre a concentração. As respostas apresentaram certo equilíbrio, contudo, a maior parte declarou manter concentração sem dificuldades, 34%. Os que apontaram concentração com dificuldades somaram 32%. Número semelhante, 31%, declarou preferência por realizar uma única tarefa de cada vez, e apenas 3% admitiu não realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo.

Gráfico 9 – Concentração em multitarefas



Fonte: Elaboração própria

6.2.3 Interrupção mais comum

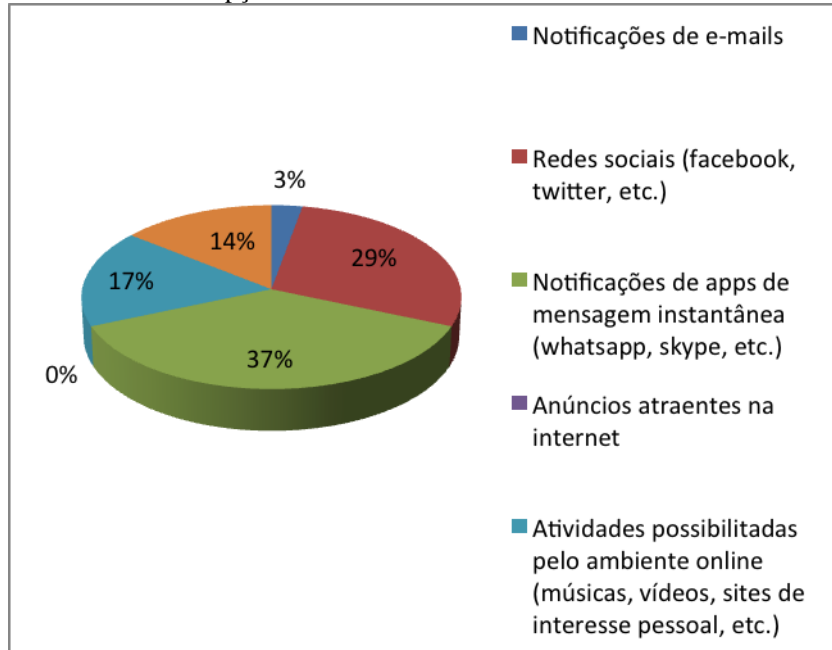
Como característica do ambiente *online* apresenta-se a rapidez de circulação do grande fluxo de informações. Sendo assim, é comum que numerosas novidades sejam publicadas em curtos intervalos de tempo. Aos indivíduos conectados, as novidades publicadas chegam em forma de notificações, que causam interrupções contínuas em atividades realizadas por eles, inclusive na leitura (CARR, 2011).

Objetivou-se identificar nessa questão quais são as interrupções mais comuns no ambiente da rede e os dados revelaram, com 37% das respostas enviadas, que se trata das notificações de aplicativos de mensagens instantâneas, como *Whatsapp*, *Skype*, etc. Em seguida, com 29% das respostas, encontram-se as redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, etc. Atividades possibilitadas pelo ambiente *online*, como músicas, vídeos, sites de interesse pessoal, etc. foram apontadas como principais interrupções por 17% dos respondentes.

Do total, 14% dos participantes descreveram motivos diferentes das opções apresentadas no questionário, utilizando o campo para resposta aberta que acompanhou a opção “Outro” da questão. Entre eles, é notável ressaltar a predominância de hipertextos, que proporciona ao indivíduo perder-se em tantas informações, causando assim, interrupções na leitura; e o relato acerca do cuidado de realizar leitura de modo desconectado da internet, ainda que estejam em dispositivos com possibilidade de acesso, como computador, celular ou dispositivo exclusivo para leitura, como os e-readers.

Notificações de e-mails receberam 3% das escolhas e os anúncios atraentes na internet não foram indicados nenhuma vez.

Gráfico 10 – Interrupção mais comum



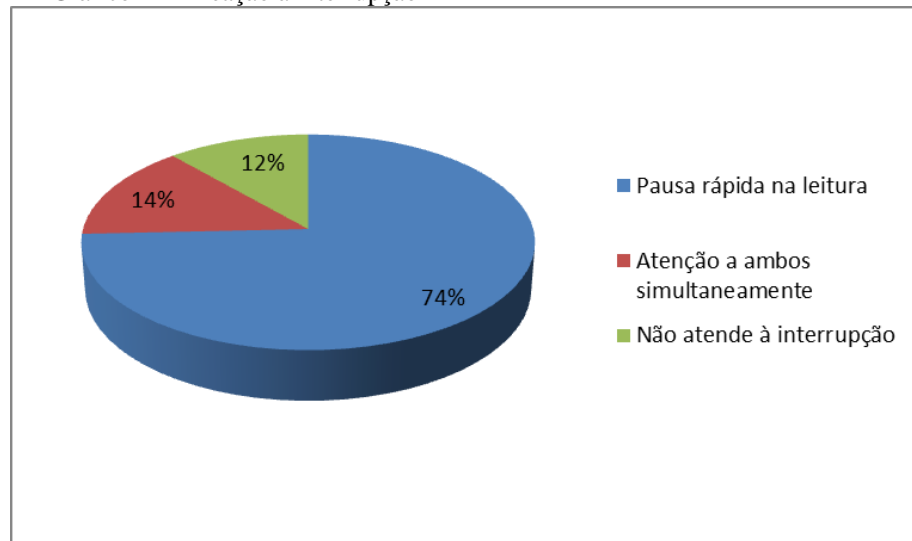
Fonte: Elaboração própria

6.2.4 Reação à interrupção

Por conta da alta frequência de interrupções, os indivíduos tornam-se ansiosos por novidades e interrupções, visto que a plasticidade presente no cérebro humano, o tornam adaptados ao ambiente, no caso, continuamente interceptado por novidades, no qual se encontram (CARR, 2011). Diante das interrupções relacionadas acima, buscou-se verificar a reação dos usuários.

Confirmando o descrito pelos estudos de Carr (2011), a maioria dos respondentes declarou atender às interrupções que lhe são feitas em meio à leitura. Outros 74% relataram realizar pausa rápida na leitura e 14% relataram atender à interrupção simultaneamente à leitura. Apenas 12% responderam não dar atenção à interrupção enquanto lê, mas somente após finalizar a leitura.

Gráfico 11 – Reação à interrupção



Fonte: Elaboração própria

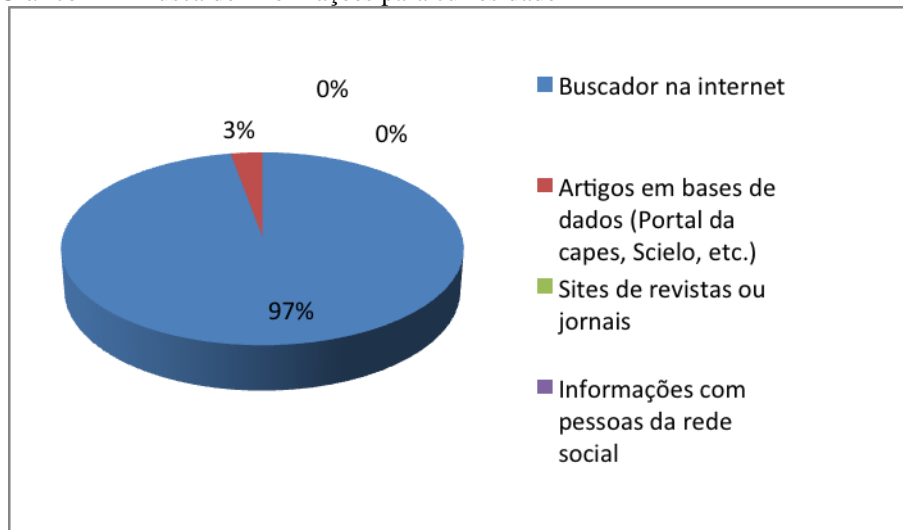
6.2.5 Busca de informações

Segundo Marcondes e Gomes (1997), a internet oferece tamanho leque de oportunidades em relação a navegação e acesso a informações de diversos formatos, por variadas fontes. Sendo assim, pertence ao usuário a responsabilidade sobre o aproveitamento das informações em rede. O modo como as informações são buscadas na internet contribui para compreensão da capacidade de utilização adequada e aproveitamento das informações presentes na mesma.

A esse respeito, foram incluídas duas perguntas ao questionário. A primeira sobre o modo como buscam informação ao sentir curiosidade a respeito de determinado assunto e a segunda sobre o tipo de texto priorizado ao tratar de assunto muito importante para a vida profissional ou pessoal.

Para o modo de busca de informação por curiosidade, houve uma porcentagem extremamente alta para os que optam por utilizar um buscador na internet, o equivalente a 97%. Apenas 3% declararam buscar artigos em bases de dados, como Portal da Capes, Scielo, etc. Não houve respostas para as opções “Sites de revistas ou jornais” e “Informações com pessoas da rede social”.

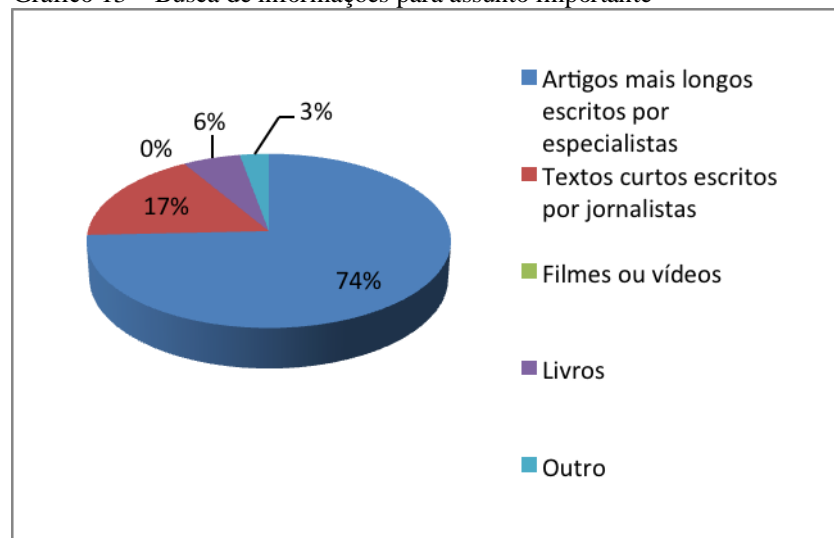
Gráfico 12 – Busca de informações para curiosidade



Fonte: Elaboração própria

Por outro lado, para a pergunta sobre o tipo de texto preferido tratando-se de assunto importante, a maioria, 74%, apontou artigos mais longos escritos por especialistas. Outros 17% apontaram textos curtos escritos por jornalistas, 6% preferem livros, 3% marcaram a opção “outro”, porém não houve descrição do tipo de material preferido, e nenhuma marcação foi feita para filmes ou vídeos.

Gráfico 13 – Busca de informações para assunto importante



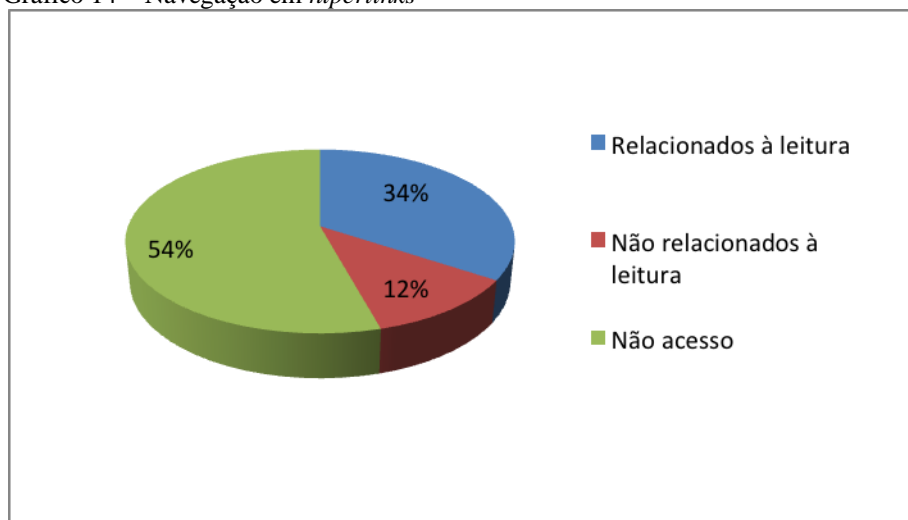
Fonte: Elaboração própria

6.2.6 Navegação em hiperlinks

Entre as características do ambiente *online* e da leitura digital, observa-se a participação dos *hiperlinks* como ligações entre páginas e conteúdos. Apesar de fortemente presentes entre os usuários, não são apreciados por alguns autores. Marcuschi (2007) alerta sobre os perigos da fragmentação da leitura, em que as ligações entre um pequeno texto e outro sugerem. Carr (2011) discorre sobre o poder de distração carregado pelos *hiperlinks* mergulhados no texto e também sobre a superficialidade induzida por eles, visto que o usuário sente-se atraído a passar de um texto a outro de maneira rápida, prejudicando a profundidade da leitura.

Tendo em vista as observações dos autores citados, procurou-se analisar o comportamento dos *scoobers* em relação ao *hiperlink*, durante a leitura. Dos pesquisados, 54% relataram não acessar *hiperlinks* durante a leitura, 34% relataram acessar somente *links* relacionados à leitura e 12% relataram acessar também *links* não relacionados à leitura, como anúncios, propagandas, outros sites, etc.

Gráfico 14 – Navegação em *hiperlinks*



Fonte: Elaboração própria

6.3 Percepção dos leitores sobre suas práticas de leitura após a internet

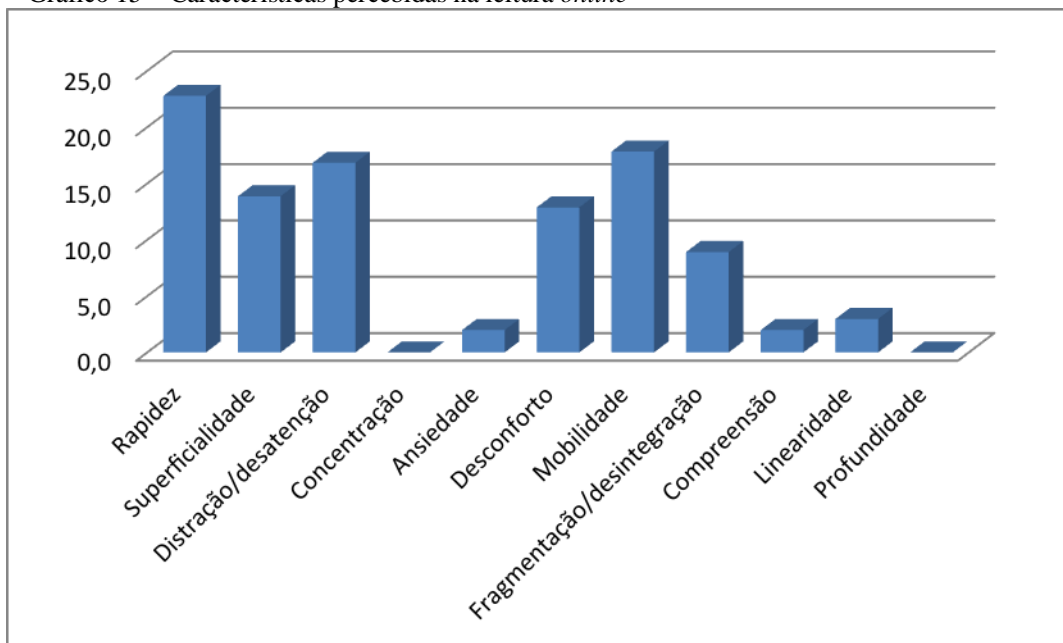
Nesse tópico, foram abordadas questões para identificar as percepções dos leitores/usuários a respeito da própria atividade de leitura, após utilização da internet.

6.3.1 Características percebidas na leitura online

Algumas características do ambiente *online* são consideradas desfavoráveis ao processo de leitura e aprendizado por autores como Mostafa et al. (2004) e Carr (2011). Devido a faculdade de adaptação do cérebro, indivíduos podem deparar-se com consequências graves por interferência da própria prática de uso das ferramentas de navegação.

Foi solicitado aos participantes da pesquisa que marcassem, no máximo, três características percebidas por eles em relação a própria atividade de leitura *online*, de uma lista apresentada na questão. Dentre os termos utilizados para tal descrição, o mais apontado foi “Rapidez”, resultando em 23% das marcações. Em seguida, o termo “Mobilidade” foi o mais escolhido, com 18% dos respondentes. Também destacaram “Distração/desatenção”, com 17% das marcações. Com 14%, foi indicado o termo “Superficialidade”; com 13%, “Desconforto” e com 9%, “Fragmentação/desintegração”. Os termos “Linearidade”, “Compreensão” e “Ansiedade” receberam 3%, o primeiro e 2% os dois últimos. Os termos “Concentração” e “Profundidade” não receberam nenhuma marcação, 0%.

Gráfico 15 – Características percebidas na leitura *online*



Fonte: Elaboração própria

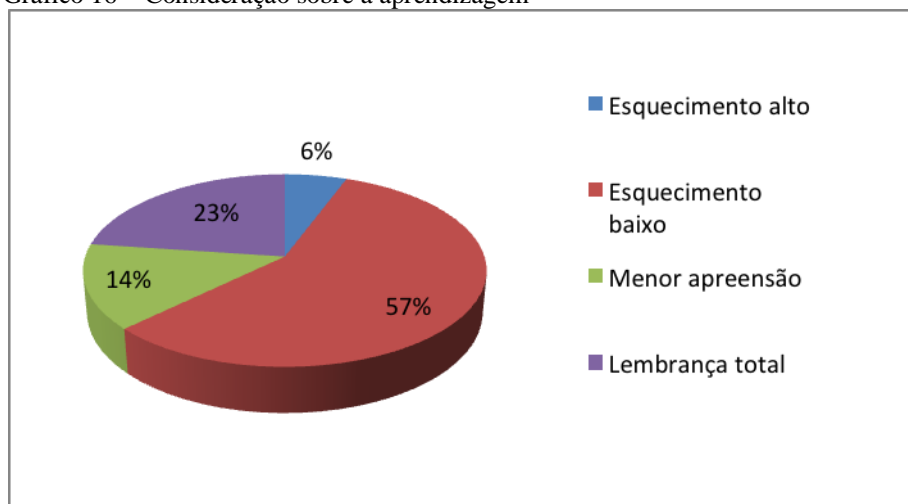
6.3.2 Consideração sobre a aprendizagem

A aprendizagem reflete as transformações causadas pelo meio no qual o cérebro se encontra, por meio da plasticidade. Para Carr (2011), a leitura digital proporciona características pelas quais o enfraquecimento ou rompimento de informações na memória

sejam naturais. Na medida em que o indivíduo se concentra em aprender novas habilidades, é provável que habilidades antigas aproximem da deslembança, tendo em vista o funcionamento da atividade cerebral de reaproveitamento de neurônios e ligações pouco utilizadas. A sobrecarga de estímulos da rede compromete a capacidade de aprendizado e assimilação dos usuários.

Quando questionados a respeito de como consideravam a própria aprendizagem após uso intenso da internet, a maioria, 57%, revelou esquecer algumas informações lidas, 23% consideraram lembrar-se de todas as informações lidas e 14% revelaram a necessidade de mais de uma leitura para apreensão do conteúdo. Apenas 6% admitiu esquecer facilmente informações lidas.

Gráfico 16 – Consideração sobre a aprendizagem



Fonte: Elaboração própria

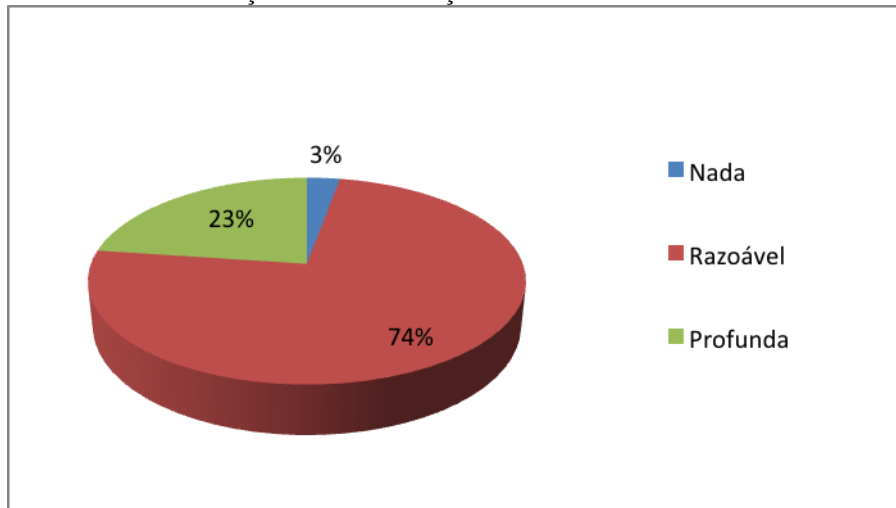
6.3.3 Consideração sobre a mudança na forma de ler

A importância da prudência em relação ao uso da internet é explicitada por Carr (2011), na medida em que o ser humano possui tendência a transferir responsabilidade de resoluções de problemas e esforços mentais para máquinas e, além disso, há competição entre companhias de internet para facilitar o cotidiano. É interessante identificar a que ponto mudanças sobre essa prática de uso das novas tecnologias foram incluídas no cotidiano dos usuários da internet, em relação à leitura.

Por fim, foi perguntada a opinião dos *scoobers* sobre o quanto o uso da internet mudou a forma de ler. Dos respondentes, 74% responderam considerar a mudança razoável, 23%

responderam considerar a mudança profunda e somente 3% responderam considerar que nada mudou.

Gráfico 17 – Consideração sobre a mudança na forma de ler



Fonte: Elaboração própria

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao perfil demográfico e experiências de leitura dos usuários leitores, a análise de dados da pesquisa permitiu constatar que se trata de um público jovem, visto que 88% da amostra não ultrapassam os 30 anos de idade. O acesso à internet é predominantemente feito de casa, por meio de computadores portáteis, durante mais de duas horas diárias, sendo que a maioria ocorre durante 4 a 5 horas.

Quanto às práticas de leitura, foi visto que, apesar de contarem com boas condições de acesso à internet, a leitura é mais realizada em formato impresso que, segundo Carr (2011), estimula atenção, profundidade e criatividade. Em atividades dissociadas do trabalho, a internet é utilizada com mais frequência para acessar sites ou aplicativos de exibição de vídeos, filmes, etc.; para trocar mensagens instantâneas e interagir em redes sociais. O modo como a internet é disposta para que o usuário acesse vários *hyperlinks*, em curto espaço de tempo, ao invés de se prender em uma única página, portal ou texto é influenciada pelo sistema de anúncios da empresa Google, que coleta informações para traçar perfil dele (CARR, 2011).

Confirmando a tendência relatada pelo mesmo autor, verificou-se que os usuários apresentam características de multitarefas, embora haja diversidade de opiniões sobre a dificuldade de concentrar-se e também haja quem prefira realizar apenas uma tarefa por vez. 34% responderam concentrar-se sem dificuldade, 32% com dificuldade e 31% preferem realizar uma tarefa única. Porém, apenas 3% realizam tarefa única, de fato. É interessante notar a proximidade entre as porcentagens, especialmente entre os que se concentram sem dificuldade e com dificuldade, pois o esperado era que a porcentagem com dificuldade superasse a sem dificuldade.

Também em concordância com o mencionado por Carr (2011), identificou-se que constantemente interrupções são feitas à leitura *online*, sendo as mais comuns notificações de aplicativos de mensagens instantâneas e de redes sociais. Em meio ao grande número de notificações, o comportamento dos leitores é, em geral, pausar rapidamente a leitura para dar-lhes atenção. Sobre tal reação, Carr (2011) prevê uma espera ansiosa por novidades, conforme o cérebro encontra-se adaptado ao ambiente *online*, repleto de interrupções vindas do fluxo acelerado de informações recebidas por meio da rede.

Em relação ao modo de busca de informação, observou-se diferença na forma de buscar informações de acordo com o objetivo e necessidade, demonstrando que consideram o contexto da leitura. O modo de busca é influenciado pelo objetivo e varia em função dos

papéis exercidos pela informação. Quando a busca é motivada apenas por curiosidade, a maioria respondeu que utiliza buscador na internet, contudo, quando motivada por causas importantes da vida profissional ou pessoal, indicaram como mais buscados artigos longos escritos por especialistas. Isso revela que, embora adaptados ao ambiente da internet de superficialidade e fragmentação, demonstram preocupação em relação às informações oferecidas na rede. Além disso, apresentaram preocupação em relação linearidade da leitura, pois a maioria não costuma acessar *hiperlinks* enquanto lê. O resultado demonstra que, apesar de inseridos no ambiente *online* e de apresentarem a tendência a ser multitarefas, tentam manter o foco na leitura.

Finalmente, das características da internet trazidas por Carr (2011), a percepção dos pesquisados acerca da própria leitura com o advento da internet foi definida predominantemente pelos termos “Rapidez”, “Distração/desatenção” e “Mobilidade”. Os dois primeiros apontam que a leitura com o advento da internet tem sido percebida como ato distraído e desatento, realizado de forma acelerada, conseqüentemente superficial, como previsto por Carr (2011). O último caracteriza a possibilidade de acesso independente de barreiras geográficas e físicas, refletindo também a percepção sobre a universalidade prevista por Monteiro (2006).

A respeito da aprendizagem, a percepção é de leve esquecimento, pois a maioria dos participantes revelou esquecer algumas informações depois de lidas. Carr (2011) explica esse fato como consequência da sobrecarga de informação consumida na rede, combinada com o funcionamento da atividade cerebral que substitui antigas ligações entre neurônios pouco utilizadas por novas ligações.

Mediante ao que o questionário instigou nos usuários participantes, houve mudança causada na leitura pelo uso da internet, ainda que considerada razoável. Estudos futuros podem ser realizados em relação à real mudança que a internet proporcionou às práticas de leitura dos usuários.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Aroaldo Carvalho de et al. **A importância do ato de ler**. 2008. 28 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização) – Universidade Estadual do Vale do Aracaju, Faculdade de Pedagogia, Tobias Barreto, SE, 2008. Disponível em :
<<http://www.slideshare.net/cursoraizes/tccmonografia-a-importancia-do-ato-de-ler>>. Acesso em: 14 jul. 2015.
- BASTOS, Marco Toledo. O mergulhador e o sufista. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 261-266, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=143022280015>>. Acesso em: 30 jul. 2015.
- BLATTMAN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na web 2.0 e biblioteca 2.0. **Revista ACB**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 191-215, jul./dez. 2007.
- BLATTMANN, Ursula; VIAPIANA, Noeli. Leitura: instrumento de cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2005, Curitiba. **Anais...** São Paulo: FEBAB, 2005. Disponível em: <<http://www.oocities.org/ublattmann/papers/ao55.html>>. Acesso em: 13 jul. 2015.
- BURGIERMAN, Denis Russo. O primeiro dia da história. **Superinteressante**, São Paulo, ed. 142, p. 52-57, jul. 1999. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/o-primeiro-dia-da-historia>>. Acesso em: 15 jul. 2015.
- CAMARGO, Emília da Conceição. Navegar na net: conceito ímpar em todo fragmentado. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 57-62, maio/ago. 1996. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/download/1611/1583>>. Acesso em: 26 jul. 2015.
- CARR, Nicholas. **A geração superficial: o que a internet está fazendo com nossos cérebros**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- COSTA, Sérgio Roberto. (Hiper)textos ciberespaciais: mutações do/no ler-escrever. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 25, n. 65, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622005000100008&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2015.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.
- DUMAS, Véronique. **A origem da internet: a história da rede de computadores criada na Guerra Fria que deu início à Terceira Revolução Industrial**. São Paulo: História Viva, 2014. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_nascimento_da_internet.html>. Acesso em: 22 jul. 2015.
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=vE_TtRotBFsC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 13 jul. 2015.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Disponível em: <<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortes, 1989. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/paulofreire/paulo_freire_a_importancia_do_ato_de_ler.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2015.

FREITAS, Isabel Feliz Andrade Nina. **Da leitura ao prazer de ler: contributos da biblioteca escolar**. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado em Gestão da informação e Bibliotecas escolares) - Universidade Aberta, Lisboa, 2008.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias; TESCAROLO, Ricardo. Sociedade da aprendizagem: informação, reflexão e ética. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 3, p. 35-40, 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/582/1732>>. Acesso em: 19 set. 2015.

GÓMEZ, Maria Nélida González de. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm>. Acesso em: 15 set. 2015.

MARCONDES, Carlos Henrique; GOMES, Sandra Lúcia Rebel. O impacto da Internet nas bibliotecas brasileiras. **Transinformação**, Campinas, v. 9, n. 2, p. 57-68, maio/ago. 1997. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/download/1584/1556>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: _____. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. São Paulo: Lucerna, 2007. Disponível em: <http://web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/17Marcus.pdf>. Acesso 25 jul. 2015.

MONTEIRO, Silvana. O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a04.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

MOSTAFA, Solange Puntel et al. Leitura nas telas: os jovens na internet. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 5, n. 2, p. 58-74, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000002123&dd1=f0a74>>. Acesso em: 26 jul. 2015.

OLIVEIRA, Claudionor dos Santos. **Metodologia científica, planejamento e técnicas de pesquisa: uma visão holística do conhecimento humano**. São Paulo: LTR, 2000.

ORIENTE, Alice Pereira do; SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de; SIMÕES, Angélica Clementino. Espaço de livros e leitura: um estudo sobre a sala de leitura da Biblioteca Central

da UFPB. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 154-163, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/16363/12488>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

PAULINO, Suzana Ferreira. Livro tradicional x livro eletrônico: a revolução do livro ou uma ruptura definitiva? **Hipertextus Revista Digital**, Recife, v. 3, n. 3, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net/volume3/Suzana-Ferreira-PAULINO.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

PEREIRA, Edinete do Nascimento; CARVALHO, Andréa Vasconcelos. A web 2.0 no serviço de referência: análise do uso nas bibliotecas do nordeste brasileiro. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 102-124, set./dez. 2012.

PINUDO, Fabíola da Silva; GOMES, Sandra Lúcia Rebel. A democratização da informação na internet: um estudo sobre a ferramenta Google. **Biblionline**, João Pessoa, v. 5, n. 1/2, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/3943/3108>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

PIRES, Erik Andrade de Nazaré. A importância do hábito da leitura na universidade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 365-381, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/846/pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2015.

SANTOS, France Mabel Fernandes Costa; NUNES, Martha Suzana Cabral. Comportamento leitor dos acadêmicos do curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal de Sergipe. **Biblionline**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 66-80, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/16544/12482>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa; ALVES, Rachel Cristina Vesu. Metadados e web semântica para estruturação da web 2.0 e web 3.0. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 6, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000008341&dd1=35ae7>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

SETZER, Valdemar. **O que a internet está fazendo com nossas mentes?**: com uma resenha do livro de Nicholas Carr A geração superficial. São Paulo: USP, 2012. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/internet-mentes.html>>. Acesso em: 4 ago. 2015.

SIGNIFICADO de leitura. [S.l.]: **Significados**, c2011-2015. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/leitura/>>. Acesso em: 14 jul. 2015.

SKOOB. **Quem somos?** [S.l.]: Skoob, [S.d.]. Disponível em: <http://www.skoob.com.br/inicio/quem_somos>. Acesso em: 19 set. 2015.

SOUZA, Leila. A importância da leitura para a formação de uma sociedade consciente. **UNIRB**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 101-110, 2008-2009. Disponível em: <http://www.unirb.edu.br/pdf/revista/revista_cientifica_v1_n002.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2015.

SOUZA, Renato Rocha; ALVARENGA, Lídia. A web semântica e suas contribuições para a ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 33, n. 1, p. 132-141, jan./abr. 2004.

VENTICINQUE, Danilo. **Redes sociais trazem a literatura para a internet**. [S.l.]: Globo, 2009. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI96567-15220,00-REDES+SOCIAIS+TRAZEM+A+LITERATURA+PARA+A+INTERNET.html>>. Acesso em: 19 set. 2015.

APÊNDICE A – Questionário: Percepção dos leitores sobre a leitura na internet

Caro Skoober,

O presente questionário visa coletar dados para a pesquisa de conclusão de curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB). A pesquisa possui o objetivo de analisar a percepção de leitores sobre a leitura na internet. A aplicação tem finalidade exclusivamente acadêmica. Sua participação é essencial para a realização da pesquisa.

Grata.

* Obrigatória

Qual a sua faixa etária? *

- ☐ Até 20 anos
- ☐ Entre 21 e 30 anos
- ☐ Entre 31 e 40 anos
- ☐ Mais de 40 anos

Em geral, qual o local que MAIS acessa a internet? *

- ☐ Em casa
- ☐ Na rua, em ambientes com wi-fi free
- ☐ No ambiente de trabalho
- ☐ No ambiente de estudos
- ☐ Na casa de amigos ou parentes
- ☐ Outro:

Qual desses dispositivos você MAIS utiliza para acesso à internet? *

- ☐ Computador de mesa
- ☐ Computador portátil (notebook, netbook, ultrabook)
- ☐ Tablet

- ☐ Smartphone ou celular
- ☐ Outro:

Quantas horas, em média, você acessa a internet por dia? *

- ☐ Menos de 1 hora
- ☐ Entre 2 e 3 horas
- ☐ Entre 4 e 5 horas
- ☐ Entre 6 e 7 horas
- ☐ Mais de 7 horas

Em geral, ao usar a internet para atividades NÃO RELACIONADAS AO TRABALHO, qual a frequência de uso nos sites/apps? *

	Nenhum acesso	Raros acessos	Numerosos acessos
Aplicativos de mensagens instantâneas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Redes sociais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Leitura de revistas ou jornais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Blogs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Compras	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sites institucionais (bancos, universidades, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Vídeos e filmes (Youtube, Netflix, etc.)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Quantos livros ONLINE você lê por ano? *

- ☐ Entre 1 e 5 livros
- ☐ Entre 6 e 10 livros
- ☐ Entre 11 e 15 livros
- ☐ Mais de 15 livros

Quantos livros IMPRESSOS você lê por ano? *

- ☐ Entre 1 e 5 livros
- ☐ Entre 6 e 10 livros
- ☐ Entre 11 e 15 livros
- ☐ Mais de 15 livros

Ao usar a internet, você é capaz de realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo? *

- ☐ Sim, me concentro sem dificuldade
- ☐ Sim, porém, me concentro com dificuldade
- ☐ Sim, porém, prefiro realizar uma tarefa de cada vez
- ☐ Não sou capaz de realizar mais de uma tarefa ao mesmo tempo
- ☐ Outro:

Enquanto lê online, qual a interrupção MAIS comum na leitura? *

- ☐ Notificações de e-mails
- ☐ Redes sociais (facebook, twitter, etc.)
- ☐ Notificações de apps de mensagem instantânea (whatsapp, skype, etc.)
- ☐ Anúncios atraentes na internet
- ☐ Atividades possibilitadas pelo ambiente online (músicas, vídeos, sites de interesse pessoal, etc.)
- ☐ Outro:

Quando é interrompido na leitura, você costuma dar atenção ao que te interrompeu? *

- ☐ Sim, costumo pausar rapidamente minha leitura para atender à interrupção
- ☐ Sim, costumo atender à interrupção ao mesmo tempo em que leio
- ☐ Não, só atendo à interrupção após finalizar a leitura

Ao sentir-se curioso sobre determinado assunto, como procura informações? *

- ☐ Utilizo um buscador na internet
- ☐ Pesquisa em artigos de bases de dados (Portal da Capes, Scielo, etc.)
- ☐ Pesquisa em sites de revistas ou jornais
- ☐ Busco informações com pessoas da rede social
- ☐ Outro:

Em geral, ao fazer leitura na internet sobre um assunto muito importante para a vida profissional ou pessoal, você escolhe que tipo de texto? *

- ☐ Artigos mais longos escritos por especialistas
- ☐ Textos curtos escritos por jornalistas
- ☐ Filmes ou vídeos
- ☐ Livros
- ☐ Outro:

Quais dessas características você percebe que estão presentes na leitura na internet? *

Por favor, escolha no máximo 3 opções

- ☐ Rapidez
- ☐ Superficialidade
- ☐ Distração/desatenção
- ☐ Concentração
- ☐ Ansiedade
- ☐ Desconforto
- ☐ Mobilidade
- ☐ Fragmentação/desintegração
- ☐ Compreensão
- ☐ Linearidade
- ☐ Profundidade

Enquanto lê online, costuma acessar outros links que aparecem nas páginas? *

- ☐ Sim, acesso somente links relacionados à leitura
- ☐ Sim, acesso também links não relacionados à leitura (anúncios, propagandas, outros sites, etc.)
- ☐ Não acesso links enquanto leio online

Como considera a aprendizagem, após o uso intenso da internet? *

- ☐ Costumo esquecer facilmente o que leio
- ☐ Esqueço algumas informações dentre as que leio
- ☐ Leio mais de uma vez para apreender o conteúdo do texto
- ☐ Geralmente, lembro-me de tudo o que leio

Em sua opinião, quanto o uso da internet mudou sua forma de ler? *

- ☐ Nada mudou
- ☐ Mudou razoavelmente
- ☐ Mudou profundamente